

PRATA DA CASA 8

escritas do cotidiano
de uma equipe que cuida

Dossiê Quarentena Solidária

Reedição comemorativa
5 anos depois
2020-2025



Amigos e amigas do peito e da vida,

Decidimos organizar um reencontro de todos que participaram da Quarentena Solidária, em 2020. Já se passaram cinco anos de uma experiência única que criou laços de amizade, respeito e afeto na vida de tanta gente...

Essa história, gravada em nossos corações e em nossas mentes, está contada em dezenas de reportagens produzidas à época pela imprensa nacional e internacional, e registrada no documentário “Esquina do Mundo”, roteirizado por Juliana Dantas e dirigido por João Rocha Rodrigues (Diorama Cultural / Drama Filmes, 2020).

Durante 2020 e 2021, fruto de convite aos participantes da Quarentena para que escrevessem, de forma livre, sobre a experiência vivida, organizamos as contribuições recebidas em um dossiê para a edição nº 8 da revista Prata da Casa (março de 2022), que agora relançamos em edição comemorativa.

Boa leitura, boas lembranças!



Samir Salman

São Paulo, março de 2025

Hospital Premier
Instituto Premier de Educação e Cultura

PRATA DA CASA 8

**Escritas do cotidiano
de uma equipe que cuida**

Dossiê Quarentena Solidária

OBORÉ
São Paulo
2022

PRATA DA CASA 8

Escritas do cotidiano de uma equipe que cuida

SUPERVISÃO EDITORIAL

Samir Salman

Manuela Salman

ORGANIZAÇÃO E EDIÇÃO

Ana Luisa Zaniboni Gomes | OBORÉ

DESIGN E PRODUÇÃO GRÁFICA

Carlos Guena | Formato Artes Gráficas, Design e Internet

São Paulo, março de 2022

Reprodução permitida, desde que citada a fonte.

Os textos desta edição são de responsabilidade de seus autores, cujas reflexões e abordagens expressam suas respectivas ideias e valores, não representando, necessariamente, opinião institucional do Hospital Premier e do Instituto Premier de Educação e Cultura.

Para navegar contra a corrente são necessárias condições
raras: espírito de aventura, coragem, perseverança e paixão.

Nise da Silveira

INTRODUÇÃO

A vida é o que importa

A vida é o que importa. A dos negros, mais da metade dos brasileiros. A dos brancos. A dos amarelos. A dos mamelucos. A dos sara-rás. A dos cafuzos neste país confuso em que tantas raças andam em nós. A das vacas, que nos deram com suas tetas a vacina, que mudou a vida dos homens e das mulheres. Que começou com a da varíola. E não parou mais.

Mas nunca a ciência fez um milagre tão perfeito de criar uma vacina tão rápido. A da Covid veio em menos de um ano. Em 25 de março de 2020 o Hospital Premier se fechou em defesa dela: a vida. E realizou o seu milagre. A Covid, mesmo com o planeta em pandarecos, não triscou em seus pacientes e funcionários.

Fomos notícia no mundo inteiro, por um gesto tomado no fio da navalha, a sangue-quente, quando a vacina era um sonho, com cientistas de todas as raças batendo cabeça. O Premier teve que se abrir antes mesmo que as vacinas, pipocando em vários pontos do planeta, se tornasse um fato consumado. E milagre se manteve inalterado, nenhum dos nossos pacientes foi relado pela Covid.

Pra não dizer que não falamos de flores, elas foram testemunhas da vida que se manifestou esse tempo todo em meio a uma guerra, às milhares de vítimas que voltam a pôr a Terra em Transe. Elas são a prova viva de que vida prevalecerá. Pulsando junto com a Terra. Rosas, rosas, rosas. Rosas formosas.



Palmério Dória é jornalista e escritor, autor de *Honoráveis bandidos* (2009), *O príncipe da privataria* (2013), *Golpe de Estado* (2015) e *Empoderadas* (2018), obras lançadas pela Geração Editorial.

Foto: Reprodução / Instagram

“Porque se chamavam homens também se chamavam sonhos e sonhos não envelhecem”

(Milton Nascimento e Lô Borges)

Dia comum da Quarentena Solidária no Hospital Premier. No café da manhã, ao som de uma peça de Mozart, um médico e uma fisioterapeuta, atrás do balcão, de máscara, touca, luvas e roupa informal, servem os funcionários no térreo. Um diretor percorre as mesas da ampla lanchonete, que tem vista para uma pracinha de cidade do interior, conferindo o serviço. Um piano está ali.

De repente, o próprio médico se habilita a tocá-lo, antes de ir cuidar dos pacientes em seus quartos nos andares superiores. Mas ele prefere Bach. Aliás, de superior, no clima que se formou após a decisão tomada entre a direção e os funcionários, só os pacientes nos três andares.

Foram deixados de lado os jalecos de médicos, fisioterapeutas, psicólogos, terapeutas ocupacionais, assim como os uniformes que distinguem enfermeiros de técnicos de enfermagem, os trajes da hotelaria, dos cozinheiros e dos agentes de limpeza. No lugar deles, entraram conjuntos simples de calça e camiseta, adquiridos em consonância com a nova situação. Assim, os sinais ostensivos de hierarquia se dissolveram. Adeus aos uniformes.

A mesma operação vista neste café da manhã se repetirá no almoço, ao som de Gardel, e no jantar, regado a Chitãozinho e Xororó. Um revezamento natural entre os atos de servir e ser servido acontece, além da tarefa de lavar a louça, liberando os profissionais para enfrentarem suas rotinas nos três turnos.

Por essas e tantas razões, acordei com o espírito renovado esta manhã, apesar da tragédia que se abate sobre o planeta. Todo dia é dia de ver e participar desse salto vital. Vamos à luta sem pestanejar: hoje estou escalado para servir o café junto com os profissionais acima citados. Coisas assim nos dão a certeza que não existe volta e podemos ficar acima do sistema rígido e desumano que nos foi imposto. Enfim, mudando a atitude dá pra mudar a realidade. E a palavra solidariedade ganha o mais perfeito sentido.

Depoimento de Samir Salman a Palmério Dória, jornalista e paciente.

Samir Salman é diretor superintendente do Hospital Premier e coordenador geral do Instituto Premier de Educação e Cultura.

Foto: Afonso Xavier.



ÍNDICE

PARTE 1 – O que foi a Quarentena Solidária

- Cem dias de isolamento: a experiência de um hospital brasileiro de Cuidados Paliativos para prevenir a disseminação da COVID-19 11
Amirah Salman, Manuela Salman e Monira Kallás
- Quarentena Solidária - olhar para a saúde física e mental dos pacientes e funcionários na pandemia pela Covid-19 14
Manuela Salman

PARTE 2 – Relatos & Impressões

- Construindo relações e aprendizado em meio à pandemia 23
Bárbara Cury Salman
- Os cem dias que mudaram tudo 26
Sandra Ferreira
- Relatos de um ano que me transformou 30
Amanda Macedo
- Ressignificando a vida ao morar na minha outra casa 32
Taciane Catib
- “Ao tocar uma alma humana, seja apenas outra alma humana” 34
Aline Oliveira
- A solidariedade é o melhor caminho 37
André Comune
- Quando o mundo parou 38
Eliane da Silva Costa
- Foi tremendo! 40
Fábio Martiniano
- Ai de nós se não fosse o cuidado! 41
Safia Khaled
- O poder da comida 42
Pedro Schatz

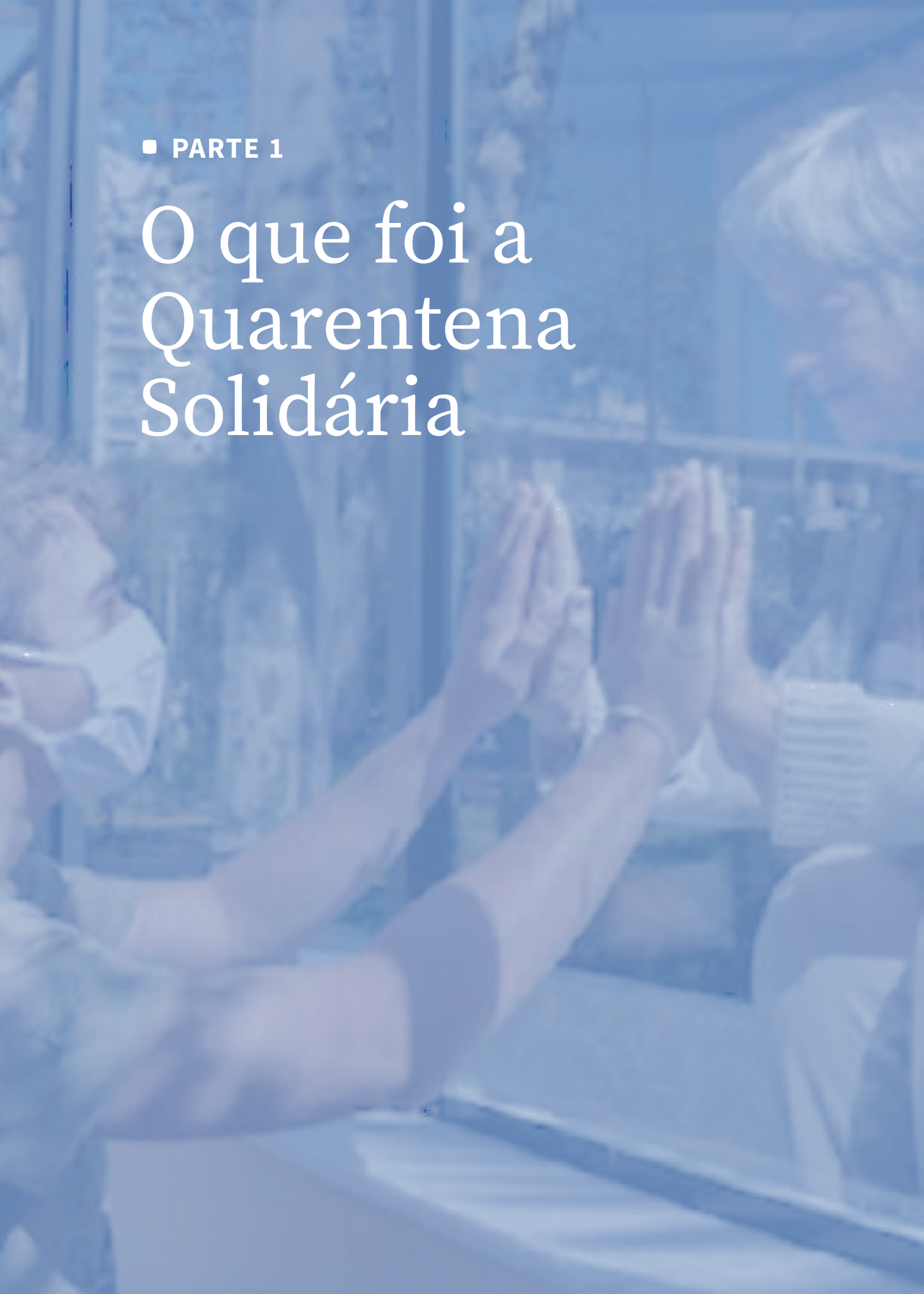
PARTE 3 – Repercussão

- A experiência de comunicar um fato inédito ao mundo 45
Ruam Oliveira
- Um conexão coletiva com a vida 50
João Rocha Rodrigues
- No olho do furacão 52
Juliana Dantas
- Saiba tudo que foi notícia sobre a Quarentena Solidária 56

PARTE 4 – Galeria 59

■ PARTE 1

O que foi a Quarentena Solidária



Cem dias de isolamento: a experiência de um hospital brasileiro de cuidados paliativos para prevenir a disseminação da COVID-19

Amirah Salman, Manuela Salman e Monira Kallás

Entre 25 de março e 2 de julho de 2020, o Hospital Premier isolou-se para evitar a disseminação da COVID-19 entre seus pacientes, familiares e funcionários. A chamada Quarentena Solidária foi implantada após declaração da Organização Mundial da Saúde – OMS de estado de emergência mundial e pandemia pelo novo coronavírus.

A experiência de países como China, Itália e Espanha nos alertou para o desafio e a responsabilidade de desenvolver medidas preventivas eficazes. As medidas de isolamento social foram sendo tomadas gradativamente. As visitas de familiares foram suspensas, bem como as visitas de voluntários religiosos que semanalmente confortavam pacientes daquelas crenças. Os músicos não enchiam mais os corredores do hospital com sua arte. Alunos de graduação e pós-graduação de diversas instituições de ensino parceiras interromperam suas atividades educativas. Eventos regulares para promover a qualidade de vida dos pacientes e acompanhantes deram lugar a salas vazias. Os idosos da vizinhança interromperam suas atividades de prevenção à saúde dentro das instalações do hospital.

Fundado em 2004 e norteado pelos princípios dos Cuidados Paliativos, o Hospital Premier é uma instituição privada com capacidade para 70 leitos, de nível secundário, especializada no cuidado a portadores de doenças crônicas com alta dependência e seus familiares. Nossa meta é cuidar dos pacientes e de toda a equipe, valorizando a beleza e a complexidade individual. Por meio da prática do cuidado compassivo, incentivamos as pessoas a se olharem nos olhos e a se reconhecerem diante das dificuldades psicossociais e estruturais que nossa sociedade impõe. Dessa forma, os valores que regem a nossa convivência são sinalizados para a comunidade, e existe um exercício contínuo para desenvolver este olhar atento.

Estávamos cientes de que o cenário pandêmico poderia ser ainda mais agravante devido às desigualdades sociais e ao acesso limitado aos serviços de saúde no Brasil. Considerando o alto risco de complicações dos pacientes em Cuidados Paliativos; funcionários que vivem em condições de vulnerabilidade e transporte público municipal com aglomeração e risco aumentado de contaminação no trajeto de ida e volta para o trabalho, o Hospital Premier optou pela estratégia de auto-isolamento / Quarentena Solidária.

Oferecemos aos funcionários a possibilidade voluntária de permanecerem nas instalações do hospital a partir de 25 de março. Em torno de 40% dos profissionais concordaram em partici-

par da Quarentena Solidária, através da assinatura de termo de adesão voluntária e com ciência de que poderiam sair a qualquer momento. O hospital disponibilizou equipamentos de proteção individual (EPIs), camas, roupas de cama e banho, roupas de trabalho, lavagem de roupas, produtos de higiene pessoal e alimentos para todos os funcionários que aceitaram voluntariamente participar da Quarentena. Os horários de trabalho foram reajustados, garantindo horários de descanso. A estratégia da Quarentena Solidária contou com o apoio por escrito de mais de 80% dos familiares dos pacientes internados.

Para os funcionários que aderiram à Quarentena Solidária, não foi uma tarefa fácil. O impedimento, mesmo que voluntário, do ir e vir, associado à distância da família de seu ambiente e rotina próprios, preocupações com a família, ansiedade e dificuldade em iniciar o sono foram algumas das queixas apresentadas. O cansaço ao longo dos dias era evidente. Uma rotina de atividades físicas, lúdicas e de relaxamento foi organizada de acordo com as necessidades dos profissionais. Estruturas para videoconferências familiares, rituais religiosos e consultas psicológicas disponibilizadas online. Ocorreram regularmente encontros com dinâmicas e reflexões filosóficas, permitindo espaços de compartilhamento de experiências e construção coletiva de sentido para o trabalho. Foi realizada a capacitação das equipes de saúde e apoio sobre a gestão e prevenção da COVID-19 por meio do ensino presencial e da aprendizagem ativa, mantendo a metodologia usual de educação participativa centrada no indivíduo.

Para garantir o distanciamento necessário mas minimizar o impacto social e psicológico do isolamento social, a equipe promoveu videoconferências entre pacientes e familiares, e visitas através do vidro da recepção, batizado de “Janela dos Encontros”. Em julho de 2020 iniciamos a flexibilização gradual da Quarentena Solidária. Visitas familiares presenciais monitoradas pela equipe passaram a ser realizadas com a maior frequência possível e com todas as medidas de precaução contra a COVID-19 preconizadas por órgãos internacionais competentes.

Espelhados nas experiências internacionais e seguindo as recomendações da OMS mantivemos nosso plano de contingência com a máxima humanização possível, convictos de que evitamos também as infecções possíveis dos profissionais de saúde e das famílias.

Chegamos ao início de 2021 com muitos de nossos objetivos cumpridos. O principal deles foi nenhum caso de COVID-19 entre os pacientes internados. Motivo de orgulho. Não podemos negar que este momento pandêmico nos colocou em estado de alerta e, como equipe, estamos trabalhando muito para nunca afrouxar nosso compromisso de cuidar dos pacientes, suas famílias e de nós mesmos. O ano de 2020 mostrou atos de coragem e dedicação que jamais serão esquecidos, como os apresentados durante a Quarentena Solidária. Nem em nossa história nem em nossos corações.

Com a esperança de que esses momentos difíceis nos farão pessoas melhores, compartilhamos com a comunidade nossa nova rotina, prezando pela saúde dos pacientes e profissionais e com o potencial de estimular um pensamento mais amplo sobre dinâmicas de serviços de saúde, solidariedade e resposta a crises.

Este artigo foi originalmente publicado em fevereiro de 2021 no e-hospice da Associação latinoamericana de Cuidados Paliativos e está disponível em: https://ehospice.com/america_latina_posts/100-dias-de-isolamento-a-experiencia-de-um-hospital-brasileiro-de-cuidados-paliativos-para-prevenir-a-disseminacao-da-covid-19. Para a presente edição, o texto foi atualizado em sua cronologia.

Sobre este tema, veja também *Quarentena Solidária*, de Manuela Samir Maciel Salman e Amirah Adnan Salman disponível em <https://www.n-1edicoes.org/textos/95>.



Amirah Adnan Salman – Médica especializada em Medicina Física e Reabilitação, é consultora educacional e assistente de pesquisa do Instituto Premier de Educação e Cultura. Pós-graduada e assistente de ensino em pesquisa clínica pela Harvard T.H.Chan Escola de Saúde Pública. Fellowship na Clínica de Manejo Interdisciplinar da Dor – Groote Schuur Hospital, University of Cape Town. Mestranda em Saúde Pública – Análise de Sistemas e Políticas de Saúde pela University of Cape Town.

Foto: Acervo pessoal



Manuela Samir Maciel Salman – Médica especializada em Psiquiatria, é Diretora do Hospital Premier e coordenadora do Instituto Premier de Educação e Cultura. Pós-graduada em Cuidados Paliativos num Modelo de Atenção Integral à Saúde pela Faculdade de Medicina de Itajubá / Hospital Premier e em Medicina Paliativa pelo Centro Universitário São Camilo / Instituto Paliar, é coordenadora de Ensino e Facilitadora do Programa QELCA© (em parceria com St. Christopher´s Hospice).

Foto: Acervo pessoal



Monira Samaan Kallás – Cirurgiã dentista com especialidade em Odontologia e Saúde Coletiva pela USP, mestre em Ciências Sociais pela USP e doutora em Ciências da Saúde pelo Instituto de Ensino e Pesquisa do Hospital Sírio Libanês. Habilitada em Odontologia Hospitalar pelo CFO e 23 anos de experiência em atendimento de pacientes com necessidades especiais no consultório, home care e hospitalar.

Foto: Acervo pessoal

Quarentena Solidária: olhar para a saúde física e mental dos pacientes e funcionários na pandemia pela COVID-19

Manuela Salman

No início de 2020, líamos com grande receio as notícias das consequências nos serviços de saúde e casas de repouso diante do surgimento da doença causada pelo novo coronavírus (COVID-19). A pandemia pela COVID-19 foi declarada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 11 de março de 2020. Impotência diante de uma doença infectocontagiosa, com sintomas de outras doenças virais comuns, porém com alta letalidade - particularmente para aqueles que cuidávamos - e alta transmissibilidade, inclusive por indivíduos assintomáticos e oligossintomáticos¹, dificultando sua identificação e prevenção. Na Europa, onde as medidas de isolamento social foram comedidas, constatava-se falta de materiais hospitalares e leitos, ausência de vacinas, medicamentos ou testes.² O cenário de manter as portas abertas poderia corresponder ao de instituições de longa permanência para idosos (ILPI) em Portugal, com falta de profissionais, infectados, para cuidar dos pacientes.³

O Hospital Premier é uma instituição hospitalar de nível secundário, especializada no atendimento a portadores de doenças crônicas, em sua maioria idosos, com múltiplas comorbidades e alta dependência, elegíveis para Cuidados Paliativos e/ou reabilitação geriátrica.⁴ À época, o Hospital Premier cuidava de 48 pacientes, com média de idade de 74 anos.

Dia 18 de março de 2020, diante do estado de atenção mundial à gravidade da pandemia, o Hospital Premier criou o Comitê de crise COVID-19 e decidiu pelo isolamento institucional total, denominado Quarentena Solidária. Cancelaram-se eventos e atividades educativas com aglomerações. Formulou-se um plano de contingência, com ações pautadas em recomendações das organizações de saúde nacionais e internacionais mundialmente reconhecidas^{1,5-7} e dentro das condições de legalidade trabalhistas. O objetivo era agir a favor da saúde dos pacientes, funcionários e suas famílias, com todas as forças institucionais disponíveis. O alto custo operacional não foi colocado acima da vida humana.

Ofereceu-se a possibilidade de adesão voluntária à Quarentena Solidária para todos os trabalhadores, a partir de 25 de março de 2020, com aderência de 40% do quadro. O autoisolamento foi um caminho encontrado para evitar a permanência dos funcionários em aglomerações de transportes públicos e sua exposição à COVID-19 na comunidade, como prevenção da propagação entre os pacientes, funcionários e famílias⁸. A saída era permitida a qualquer momento, com disponibilização de transporte privado (corrida via aplicati-



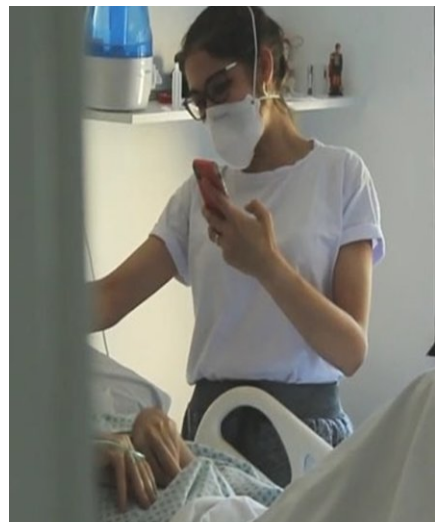
fotos: Acervo institucional.



vo), custeado pela instituição, para os que optaram por sair e não tinham possibilidade de usar carro próprio.

Disponibilizou-se equipamentos de proteção individual (EPIs), alojamento, roupas de cama e banho, roupas de trabalho, alimentação e locais para banho para todos os funcionários que aceitaram participar voluntariamente. Os materiais e insumos hospitalares entregues eram devidamente higienizados antes de adentrarem o hospital. Realizou-se treinamento de 100% dos participantes sobre a COVID-19 com ensino tradicional e roda de conversa através do aprendizado ativo.

Reuniões com dinâmicas e reflexões filosóficas para acolhimento, espaço para compartilhamento, fortalecimento de recursos internos e construção coletiva de sentido para o trabalho ocorreram a cada dois dias. As escalas de trabalho foram readequadas, garantindo horários de descanso. Atividades físicas, de relaxamento e lúdicas ocorriam nos espaços coletivos: profissionais ofereceram seus conhecimentos em atividades estruturadas, como yoga, pilates e terapia manual para dor.





Um consultório foi organizado com computador, internet e fone de ouvido para videoconferências familiares e atendimentos psicológicos online. Estes foram disponibilizados pela psicóloga do Premier e por 10 psicanalistas voluntários, de forma gratuita, com intermediação de Luciana Goulart Mannrich, psicóloga do Instituto Sedes Sapientiae. Nos 100 dias de autoisolamento, 24,7% dos trabalhadores (n=24) foram atendidos, além de 4 pacientes, 8 familiares e 4 acompanhantes hospitalares (40 beneficiados no total). Totalizou-se 202 intervenções psicológicas. Após a flexibilização da Quarentena, o acolhimento manteve-se em formato híbrido ou com encaminhamento para apoio externo em saúde mental.

Crises humanitárias levam a vivência global de sofrimento, perdas e mudanças repentinas do cotidiano⁹⁻¹² e podem desencadear ou agravar transtornos mentais.^{5,9,13} A promoção de espaços de escuta qualificada através de recursos tecnológicos mostrou-se fundamental para a manutenção de vínculos e autocuidado em meio a pandemia e necessidade de distanciamento físico.^{9,10,13,14}

Práticas das religiões católica e evangélica ocorreram no auditório, com transmissão online de missas e cultos no telão. O auditório também foi palco de transmissão de filmes e shows (lives). Aniversários foram comemorados com comes e bebes e diversão com karaokê. Ainda não havia recomendação da OMS do uso universal de máscara e, totalmente confinados, nem faria sentido.

Avaliações médicas dos funcionários foram realizadas, com monitoramento de sintomas físicos e psíquicos, orientações sobre autocuidado e estratégias de enfrentamento, e maior atenção àqueles com fatores de risco para piores desfechos da COVID-19.

Recebemos diversas mensagens de solidariedade e apoio, e doações externas de roupas, lanches, doces, máscaras faceshield, além de gratuidade para acesso ao aplicativo Cíngulo de estímulo ao autocuidado.

Entre os familiares responsáveis, 80% formalizou por escrito o apoio à estratégia institucional. A instituição permaneceu fechada para visitas aos pacientes até julho de 2020. Alguns cuidadores e familiares optaram pela permanência na Quarentena Solidária.



O uso de tecnologias foi implementado como estratégia para manutenção dos contatos afetivos e suporte psicossocial aos pacientes. O canal de comunicação com familiares Call center (contato telefônico ou via aplicativo de mensagens), gerido pela equipe de Saúde Mental, caracterizou-se pelo envio de informações sobre o plano de contingência, boletins médicos e orientações gerais sobre estratégias de prevenção e autocuidado.

Cuidávamos de 48 pacientes afastados de seus núcleos familiares, dos quais 29 foram contemplados com videoconferências (VC) semanais. Adicionalmente, visitas entre pacientes e familiares foram promovidas através da “Janela dos Encontros” (vidro da recepção). Visitas presenciais de despedida / fim de vida foram autorizadas. Cada paciente em sua complexidade foi avaliado pela equipe multiprofissional para eventual adaptação ou auxílio durante as VC ou visitas. Em julho de 2020, após flexibilização, visitas familiares presenciais agendadas foram retomadas.

Montou-se rotina de passeios e atividades para os pacientes, garantindo a segurança epidemiológica, dentre as quais: músicas, estímulos sensoriais, jogos, filmes, práticas religiosas, leituras, artesanato, etc., de acordo com a biografia e preferências de cada um.

Houve esforço criativo e lúdico para que, mesmo com o distanciamento, os pacientes e seus familiares pudessem estar mais próximos, como tentativa de mitigar as consequências para saúde mental e bem-estar diante da ruptura do cotidiano pela pandemia, principalmente para pessoas hospitalizadas.^{15,16} A equipe do Premier realizou adaptações para rastrear a solidão e as condições de saúde mental associadas à pandemia, de modo que o apoio psicossocial pudesse ser fornecido.¹³

A partir de 16/03/2020, estabeleceu-se um canal de comunicação institucional com os trabalhadores, denominado *Disque-saúde*, com objetivo de identificar, isolar, orientar, encaminhar para atendimento médico e monitorar todos com síndrome gripal / suspeita de COVID-19. Até julho de 2022, foram realizados 616 atendimentos. Apenas um funcionário necessitou de internação hospitalar por COVID-19 no período, e nenhum faleceu.

Não houve nenhum caso de COVID-19 durante a Quarentena Solidária. Até o momento, com mais de dois anos de pandemia, 09 pacientes receberam diagnóstico de COVID-19 durante internação no Hospital Premier, com um óbito.

Fora da hora de trabalho, cada participante poderia dedicar-se a uma atividade em prol do bom funcionamento da Quarentena Solidária. A inscrição no painel de voluntariado continha atividades como servir alimentos, promover atividades coletivas ou distribuir roupas. A vivência da coletividade foi, em minha opinião, um grande ganho para todos os participantes, além, claro, da medida extrema de prevenção da COVID-19. E, para melhor ilustrar esse ganho, faço minhas as palavras de Peter Pál Pelbart: “não é apenas uma experimentação coletiva, mas é uma revolução numa escala diminuta de uma audácia, de uma coragem e de uma aposta afetiva raríssimas (...) esse tipo de decisão radical tem uma potência de disseminação, como um vírus, mas no sentido contrário (...) nessa mobilização afetiva absoluta (...) as hierarquias que se embaralharam, os protocolos que foram revirados... (...) vocês viveram uma espécie de comunismo afetivo no sentido mais extremo da palavra (...) o que vocês demonstraram com corpo e alma, com a mão na massa, com o coração batendo, com uma espécie de inteligência coletiva que mobilizou a todos...”¹⁷

O esforço institucional para garantir a dignidade de cada um dos presentes (e mesmo dos ausentes, com a manutenção de seus contratos de trabalho) reforça, ao meu ver, a missão, visão e valores do Hospital Premier, redigidos em 2008 e seguidos em cada ação pensada por seus dirigentes.¹⁸

Ressalto que minha vivência da Quarentena Solidária foi intensa, apesar de remota, ao me abster da participação presencial para manter a amamentação de minha bebê. Esta escrita vem imbuída do olhar externo, mas diuturnamente presente, em meu trabalho em casa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CDC – Center for Disease and Control Prevention. Coronavírus disease 2019 (COVID-19) preparedness check list for nursing homes and other Long-Term care settings.
2. El País. Espanha paralisa todas as atividades não essenciais para combater a pandemia de COVID-19. 29/03/2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-03-29/espanha-paralisa-todas-as-atividades-nao-essenciais-para-combater-a-pandemia-de-covid-19.html>.
3. SIC Notícias. Lar funciona apenas com três funcionários devido ao coronavírus em Famalicão, 22/03/2020. Disponível em: <https://sicnoticias.pt/especiais/coronavirus/2020-03-22-Lar-funciona-apesas-com-tres-funcionarios-devido-ao-coronavirus-em-Famalicao>.
4. Hospital Premier. Site: premierhospital.com.br.
5. ANVISA – Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Nota técnica GVIMS/GGTES nº 05/2020. Orientações para a prevenção e o controle de infecções pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2) em Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI).
6. ANVISA – Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Nota Técnica GVIMS/GGTES/ANVISA nº 04/2020. Orientações para serviços de saúde: medidas de prevenção e controle que devem ser adotadas durante a assistência aos casos suspeitos ou confirmados de infecção pelo novo coronavírus (SARS CoV-2).

7. OPAS – Organização Panamericana de Saúde. Ética & SARS-CoV-2 – Medidas Restritivas e Distanciamento Físico. 14 de maio de 2020.
8. Labcidade (site). Circulação para trabalho explica concentração de casos de covid-19. Disponível em: <http://www.labcidade.fau.usp.br/circulacao-para-trabalho-inclusive-servicos-essenciais-explica-concentracao-de-casos-de-covid-19>.
9. Barros-Delben P, Cruz RM, Trevisan KRR, et al. Saúde Mental em situação de emergência: COVID-19. Debates in Psychiatry – ahead of print Abr/jun 2020;10(2):18-28.
10. Brooks SK, Webster RK, Smith LE et al. The psychological impact of quarantine and how to reduce it: rapid review of the evidence. The Lancet (online). 2020 Mar 14;395(10227): 912-920.
11. OPAS - Organização Pan-Americana da Saúde. Primeiros Cuidados Psicológicos: guia para trabalhadores de campo. Brasília, DF: OPAS, 2015.
12. WHO – World Health Organization. Preventing and managing COVID-19 across long-term care services. Policy brief. 24 July 2020.
13. Galea S, Merchant RM, Lurie N. The Mental Health Consequences of COVID-19 and Physical Distancing The Need for Prevention and Early Intervention. JAMA Internal Medicine. April 10, 2020.
14. OPAS – Organização Panamericana de Saúde. Considerações psicossociais e de saúde mental durante o surto de COVID-19. 18 de março de 2020.
15. Brasil, Ministério da Saúde. FIOCRUZ - Fundação Oswaldo Cruz. Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia COVID-19. Cuidados Paliativos - orientações aos profissionais de saúde.
16. Lara, E., F. F. Caballero, L. A. Rico-Urbe, B. Olaya, J. M. Haro, J. L. Ayuso Mateos and M. Miret (2019). "Are loneliness and social isolation associated with cognitive decline?" Int J Geriatr Psychiatry 34(11): 1613-1622.
17. Sant'anna, DB; Maciel, MG; Salman, MSM; Pelbart, PP; Salman, S. "Esquina do Mundo", a quarentena de um hospital de cuidados paliativos. Inês Nin e Cristina T. Ribas, Edição de Cristina Ribas e Paula Cobo-Guevara. Porto Arte - Revista de Artes Visuais. v.25 n.44, Jul/dez 2020, e-ISSN: 2179-8001.
18. Gomes, ALZ (Org). Prata da Casa 6: escritas e depoimentos sobre gênese, trajetória e perspectivas do Grupo MAIS. 1ª Ed. São Paulo: Oboré, 2013. Disponível em: http://www.kcd.com.br/arquivos/prata_6.pdf.



Manuela Samir Maciel Salman – Médica especializada em Psiquiatria, é Diretora do Hospital Premier e coordenadora do Instituto Premier de Educação e Cultura. Pós-graduada em Cuidados Paliativos num Modelo de Atenção Integral à Saúde pela Faculdade de Medicina de Itajubá / Hospital Premier e em Medicina Paliativa pelo Centro Universitário São Camilo / Instituto Paliar, é coordenadora de Ensino e Facilitadora do Programa QELCA© (em parceria com St. Christopher´s Hospice).

Foto: Acervo pessoal

■ PARTE 2

Relatos e impressões



Construindo relações e aprendizado em meio à pandemia

Bárbara Cury Salman

Em 25 de maio de 2020, seguindo algo que acontecia no mundo, um cenário inusitado se instaurou no Hospital Premier. O aparecimento inesperado de uma pandemia que afetou a todos, causando um impacto enorme na vida dos colaboradores do Hospital.

Cerca de 90 funcionários aderiram a um projeto jamais visto e mergulharam na Quarentena Solidária – nome dado a todo processo de confinamento de 100 dias.

Um espírito de comunidade tomou conta do local, creio que tenha sido a maior experiência profissional e pessoal vivenciada por mim até então. A troca com a equipe, pacientes e familiares foi algo memorável. Dentro dos cuidados paliativos sempre sonhamos em conseguir formar uma equipe transdisciplinar, porém, por diversos motivos, esse objetivo ainda não tinha sido alcançado. Creio que vivenciei a materialização dessa equipe durante o período em que permanecemos no isolamento.

Consegui utilizar ferramentas para reconhecer os meus limites, encontrar tempo para o autocuidado mesmo em um ambiente não estruturado para isso, acolher, estimular e incentivar a equipe quando necessário, disseminar os valores dos cuidados paliativos, alteridade e iniciativa ao realizar diversas funções que não me eram habituais. Foi desafiador proporcionar às famílias dos pacientes uma possibilidade de “aproximação” dentro deste isolamento, tentando manter o cuidado paliativo vivo em meio às adversidades. Fomos um elo entre as famílias, nos tornamos parte de celebrações por vídeo chamadas, participei de aniversários, aniversários de casamento, comemorações de Dia das Mães e diversos acontecimentos que fizeram com que essas famílias pudessem manter o mínimo de contato com os seus.

Durante esses 100 dias atuei em diversas áreas que jamais pensaria em atuar. Vivenciar o dia a dia de uma técnica de enfermagem, fazendo duplas com esses profissionais, os quais se tornaram grandes amigos, auxiliar em banhos, trocas e curativos nos traz para uma realidade pouco observada no cotidiano. Consegui constatar algo que previamente já fazia parte de várias reflexões, mas apenas na prática conseguimos ter a real dimensão dos fatos. O trabalho de auxiliar de enfermagem necessita de muita doação, são eles os que mais estão à frente do cuidado dos pacientes e familiares. Além de enfrentar uma rotina pesada fisicamente, o apego pelos pacientes leva a um sofrimento intenso no momento de partidas e despedidas. Realizar o tamponamento de um paciente é algo que poucos dão valor ou se lembram que o procedimento é realizado. Além de muito marcante, nos mostra como mesmo depois do óbito precisamos de muito respeito, atenção e cuidado. Quando realizado em um paciente com internação de longa data e vínculo forte, torna-se um processo de despedida e possível sofrimento.

Durante praticamente toda a quarentena fiquei responsável pela rouparia juntamente com minhas colegas de quarto. Dispensar os uniformes, roupas de banho e de cama era uma tarefa diária que se tornou parte do cotidiano. Nesse momento do dia conseguia ter trocas com todos os colaboradores do projeto; era nessa hora que alguns se abriam para dividir suas angústias, solicitar ajuda ou apenas uma conversa.

Após quase um mês do confinamento, já havia decorado as preferências de cada um dos integrantes e buscava atendê-los levando um pouco mais de conforto. Outra atividade que me provocava muita alegria e grandes risadas era a do voluntariado no momento de servir o jantar. Fazia isso de 3 a 4 vezes na semana, o que me trouxe proximidade com pessoas dos diversos grupos. Para mim, era possível preparar os pratos já sabendo dos gostos individuais de muitos deles.

Estávamos fechados em nossa bolha e as aflições diante do que estava ocorrendo fora do Hospital Premier vinham à tona em diversos momentos. Realizei acolhimento de membros da equipe que não conseguiam dormir por preocupações externas, ansiedade pelo medo de um ente querido se contaminar, auxílio quanto ao cuidado de pacientes que estavam internados e evoluíram suas doenças culminando no óbito ou cuidado de pacientes que foram admitidos e necessitavam de toda uma restrição de contato sem perder a essência do cuidado paliativo.

Um evento importante que presenciei foi a admissão de uma paciente durante o período de quarentena, paciente essa que se encontrava em franco processo ativo de morte aos 41 anos de idade, acompanhada de seu esposo. Casal jovem, eles vieram para receber cuidados e acabaram nos ensinando. Ensinar sobre amor, sobre generosidade e respeito. Respeito pelos caminhos da vida, pelos encontros e desencontros. Tanto ela quanto seu esposo, que não puderam estar na companhia de seus familiares neste momento, não puderam interagir com a equipe de maneira natural e comum como ocorreria no período pré pandêmico. Essas pessoas encontraram uma equipe paramentada, em utilização de EPIs - Equipamentos de Proteção Individual - que impediam o reconhecimento facial, se apegando apenas a gestos e palavras ali realizados na criação de vínculo durante algumas horas. Mesmo com toda a “frieza” e “distanciamento” que ocorria, os momentos finais da paciente foram uns dos mais marcantes e bonitos que presenciei.

Eu e mais uma integrante da equipe, fisioterapeuta, auxiliadas por uma enfermeira, conseguimos resgatar a biografia da paciente, controlar sintomas, realizar escalda pés, participar de uma conexão incrível que foi manifestada entre ela e seu familiar proporcionando uma passagem com dignidade e conforto. Ela me mostrou seu diário, jornalista que era relatou com detalhes as peculiaridades dos últimos meses. Me mostrou a folha que escreveu no dia anterior, carta de despedida, ela sabia que partiria na noite de lua cheia. Se despediu dos filhos, da mãe e na frente de seu companheiro, segundo ela de outras vidas. Sem poder ver meu rosto recebi a seguinte frase “você foi exatamente quem imaginei para esse momento”. Sentimentos dos mais variados me surgiram e essa experiência ficou marcada na minha vida, desde então.

A pandemia pela COVID-19 nos trouxe uma realidade inesperada e cheia de ressignificações. Modificou a rotina profissional e pessoal da população ao redor do mundo e aqui no Hospital Premier e na minha vida não foi diferente.

O que guardo de proveitoso ao longo desse período é o aprendizado exponencial. Consegui tirar algo transformador de um cenário triste e caótico. Vivenciei uma partilha significativa, essencial para o meu crescimento. Aprendi a lidar melhor com as frustrações, superar julgamentos, me desafiar e arriscar. Foi um período de reflexões, ações, superações e de muita resiliência.



Barbara Cury Soubhia Salman é médica
assistente do Hospital Premier.

Foto: Afonso Xavier

Os cem dias que mudaram tudo

Sandra Ferreira

Hospital Premier, São Paulo, Brasil. Era 25 de março de 2020, uma fatídica quarta-feira, e iniciava ali uma das experiências mais impactantes da minha vida.

Todos os jornais anunciavam o surgimento de um novo vírus que se espalhava por vários países, matando milhares de pessoas subitamente e que já havia chegado ao Brasil. Era o *Coronavírus – Covid-19*, que se disseminou rapidamente, aumentando cada vez mais o número de vítimas pelo mundo.

O governo brasileiro decreta 15 dias de fechamento do comércio, fábricas, escolas, serviços públicos, mantendo aberto apenas serviços essenciais. Todos deveriam permanecer em suas casas para não se contaminarem, o uso de máscara foi obrigatório, o toque de mãos foi proibido, ruas desertas em todas as cidades do mundo, o planeta estava confinado. Era o começo de uma longa introspecção coletiva e um novo jeito urgente de ser e viver. O colapso havia se instalado e acarretou um forte efeito destrutivo na economia mundial e, consequentemente, na vida das pessoas.

Os serviços de saúde ficaram superlotados, profissionais esgotados trabalhando exaustivamente pelos quatro cantos do planeta. Estávamos vivendo uma guerra com um inimigo invisível e sem nenhuma perspectiva de cura da doença.

Foi quando o Hospital Premier adotou uma medida radical: a instituição, a princípio, fecharia as suas portas por quarenta e cinco dias, decisão esta que ficou conhecida como Quarentena Solidária. Era esta a forma de impedir que o vírus adentrasse ao local, evitando atingir os pacientes que, em sua maioria, eram idosos frágeis, portadores de várias comorbidades crônicas. Cerca de 70 funcionários continuaram a trabalhar na assistência no Hospital em confinamento.

Estava formada uma pequena sociedade isolada num oásis do mundo ideal. A notícia percorreu o Brasil e vários países da América e Europa, e foi capa do New York Times.

E eu fui membro integrante deste projeto, ali permanecendo por 100 dias em confinamento. Esse foi o período total estendido da Quarentena Solidária.

Ainda me lembro como se fosse hoje, ao sair de casa, a despedida de minha filha de 14 anos, à época, e minha mãe, ambas acenando da sacada do meu apartamento enquanto eu seguia com as malas, meu travesseiro e muita vontade de acreditar que aquilo não estava acontecendo. Uma amiga muito gentil me levou até o Premier. Certamente, uns dos dias mais doloridos da minha vida. Eu não sabia o que poderia acontecer. Naquele momento de tantas incertezas, tive medo de nunca mais voltar a vê-las.

A minha decisão em aderir à proposta do hospital baseou-se em quatro justificativas: primeiro porque era uma forma de continuar trabalhando e garantindo o sustento da minha pequena família. Depois, contribuir com a minha profissão como fisioterapeuta e me sentindo útil. Também para proteger a mim e a minha família de um possível contágio e por acreditar que seria o certo a fazer dentro da instituição, naquele momento, diante do caos da pandemia.

Em muitos dias de solidão, longe das pessoas que eu mais amava, todos os sentimentos vieram à tona. O maior deles foi o medo de morrer contaminada ou ficar com sequelas que me levassem a sofrimentos intensos.

Os primeiros quinze dias foram muito angustiantes, ninguém sabia se entre nós tinha alguém com o vírus e os cuidados foram redobrados. Absolutamente tudo era higienizado, ao ponto de limparmos duas caixas de limões com pano e álcool antes da fruta seguir para a cozinha. A ordem da caipirinha estava invertida... Costumo brincar, ao lembrar da ocasião, que “só não bebemos álcool”. Tensão, ansiedade, aflição, inquietação, saudade e um cansaço inexplicável tomavam conta de mim. Pude saber o que era perder a noção de tempo sem ao menos lembrar qual era a data do dia, igual aos nossos pacientes quando em confusão temporal em processo de demência. O dia resumia-se em trabalhar, comer, descansar, conversar com alguém e esperar...

Não tive vontade de desistir, estava determinada a seguir até o fim. Tudo dentro de mim estava misturado a um sentimento de força, resiliência, benevolência, acreditava que estava fazendo a coisa certa e tudo aquilo iria passar, era apenas uma fase difícil. Pensava muito na minha filha, família e amigos que ficaram fora da minha bolha de proteção que era o próprio hospital. Neste sentido, a tecnologia foi fundamental: fazia chamadas em vídeo e trocava mensagens em todos os meus horários livres, diminuindo um pouco a sensação de distância e a preocupação.

Foi o primeiro Dia das Mães que passei longe da minha família. A diretoria do hospital conseguiu entrar em contato com os filhos de todas as mães que lá estavam, gravaram vídeos com depoimentos e recadinhos que foram exibidos em um telão instalado no jardim, depois de um almoço especial. Foi uma ótima iniciativa para amenizar os corações partidos de todas as mães em confinamento.

A logística diária era imensa. Uma enorme responsabilidade, além da assistência aos pacientes, eram os cuidados com a própria equipe, a preparação das refeições, limpeza de materiais, utensílios, ambientes, vestuário, garantia de compras de todos insumos e alimentos para todos. Várias categorias profissionais estavam presentes no mesmo barco, mas ali não havia hierarquia, estavam todos na mesma batalha, não havia patrão, éramos todos iguais - inclusive os nossos uniformes de trabalho, usados durante o tempo de estadia, desde o superintendente até o pessoal da limpeza. Ficou proibido o uso de adornos, cabelos soltos e barbas longas para os homens, fomos desprovidos de qualquer vaidade, todos faziam e dividiam um pouco de tudo, como as tarefas de servir as refeições, o suco, o complexo vitamínico aos colaboradores, lavar a louça, entregar uniformes limpos etc. Viver naquela mini

sociedade igualitária foi uma experiência ímpar, uma das coisas das quais mais senti falta quando terminou a quarentena.

Na época, todos os fisioterapeutas da equipe estavam presentes, o que facilitou a nossa escala de atendimentos. Pudemos realizar tarefas transdisciplinares auxiliando principalmente os colegas da enfermagem na árdua jornada que parecia nunca ter fim. Todos, sem exceção, trabalharam muito e, ao longo do tempo, fomos ficando exaustos e com dor física - era importante apoiar e cuidar um do outro. Passei a atender (até onde aguentei) individualmente alguns colegas no final do meu turno. Precisávamos estar inteiros para contemplar o tempo estipulado, cuidando bem dos pacientes, e isto foi uma grande preocupação de todos.

Nós poderíamos deixar a missão a qualquer momento - e isso sempre foi bem esclarecido - mas cada “soldado” perdido sobrecarregava ainda mais quem ali permanecia. Alguns acabaram saindo por motivos pessoais, mas este pensamento coletivo fortaleceu muito o grupo remanescente.

Isso também proporcionou a descoberta de novas amizades e formação de vínculos. Tínhamos uma boa infraestrutura, as acomodações atendiam nossas necessidades básicas e várias opções de lazer. Os momentos de descontração entre colegas, a música que se fazia presente todos os dias, rotina de exercícios, leitura, estudo, dinâmicas em grupo, cinema, piadas internas, foram fundamentais para a minha saúde mental. Minha companheira de quarto, de mesma profissão e querida amiga, foi uma parceira sensacional. Ela me fazia sorrir com o seu sotaque nordestino e com o seu jeito engraçado de encarar a situação. Tiveram brigas também, naturalmente, todos estavam muito carentes de atenção e sob forte estresse, o que gerou discussões calorosas por questões singelas - por exemplo: alguém acordava e não falava bom dia; por não ter esperado ou participado de reuniões no dia da folga, ou ainda porque o colega dormiu demais e não ofereceu o lanche...

Momentos de contemplação nos Jardins de Soraya... ah!, como esse lugar me ajudou a suportar o tempo! As flores, as plantas, a vista aberta para o céu acalmavam os meus pensamentos. O meu lugar preferido do hospital era a “proa” - apelidamos assim a parte do solário do segundo andar de onde era possível ver a ponte estaiada Octávio Frias de Oliveira, um dos ícones de São Paulo. Esse era o meu local de refúgio e de onde eu refletia, de um modo geral, como estava administrando a minha vida antes de estar confinada, os meus inúmeros trabalhos, a correria do dia a dia, o tempo dedicado a pessoas importantes na minha vida, minha autoestima, autorrespeito, autoaceitação, tudo em descompasso. Almejava modificar todo o padrão estruturado e pelo qual o sistema me conduzia, de modo automático, na condução da minha vida, na grande maioria das vezes.

Certa madrugada, num encontro comigo mesma, olhando a minha vida como telespectadora do filme “A vida da Sandra”, percebi o quanto eu estava apenas passando por ela, trabalhando em vários locais, amizades vazias, pouco lazer, não me enxergando como mulher, tratando o meu corpo como uma máquina de fazer as coisas por obrigação.

Com a pandemia e por estar confinada, tive tempo hábil para, finalmente, pensar e tentar reprogramar o meu autocuidado, selecionando tudo que realmente fazia sentido para continuar ao sair dali. Olhando por um outro prisma, me reconectando. Assumindo o compromisso de estar flexível para profundas transformações de autoconhecimento. Isso foi como quebrar um Muro de Berlim dentro de mim. Não me conformava por não ter feito esses questionamentos antes.

Em meados de julho, no centésimo dia da quarentena, a experiência acabou. Era a hora de romper a bolha mas sair do hospital era estranho... confesso que tive dificuldades. Vivi cuidados paliativos na pele. O Premier foi a minha casa na pandemia, mas voltar para o meu lar e para a minha família, era uma sensação inigualável.

Das grandes lições que aprendi, destaco o reconhecimento e a valorização da vida em todos os seus aspectos. O quanto foi bom viver com igualdade social mesmo que temporariamente, enxergar que precisamos apenas do essencial para garantir a nossa existência. O quanto é importante o toque, o aperto de mãos, o abraço, o beijo e a interação social para o ser humano.

Hoje me sinto sobrevivente de uma guerra. Contribuí de forma digna para a nossa sociedade, para o Brasil e para o mundo. Faço parte da história e do legado do Premier, me entreguei de corpo e alma a este projeto, doe o melhor de mim aos queridos pacientes. Sou grata a todos que estiveram comigo, por todo o aprendizado.

Saí com olhar refinado, atenta ao que realmente importa: os sonhos, os valores, os sentimentos de amor, empatia, esperança, o respeito à essência de cada indivíduo e o entendimento de que a habilidade no trato das relações humanas é algo precioso.



Sandra Ferreira da Silva é fisioterapeuta e atua no Hospital Premier desde 2014. Em 2019, assumiu a função de supervisora de equipe. É membro participante do Qelca©_2020.

Foto: acervo pessoal.

Relatos de um ano que me transformou

Amanda Macedo

Em janeiro de 2020, relatos de uma nova doença infecciosa começam a surgir e se espalhar nos noticiários. Aos poucos, vejo o número de casos aumentando e se alastrando por outros países, e muitos me perguntavam o que eu achava. Essa pergunta pode parecer estranha, mas não para minha realidade pois escolhi me especializar na área de prevenção e controle de infecção.

Desde quando o Dr. Samir Salman, diretor do Premier, me avisou que estava com ideia de fechar o Hospital, até quando isso de fato aconteceu, poucos dias se passaram. Não pensei duas vezes antes de aceitar embarcar nesta experiência que se chamou Quarentena Solidária. Escrever este depoimento me faz ter vários flashes de momentos vividos durante a pandemia. Gostaria de relatar tudo em detalhes; porém, esse espaço não será suficiente...

Primeiro dia e vejo vários colegas trazendo as suas malas e, junto delas, medos, anseios, preocupações, proatividade, coragem e determinação. Neste dia também fomos alocados nos quartos que antes eram habitados por pacientes e que se tornou meu lar por cem dias. Meu quarto foi o 219, do primeiro ao último dia. Minha companheira de quarto deixou meus dias mais felizes, com nossas conversas, risadas e cumplicidade.

No decorrer dos dias construí laços que nunca imaginei fazer; me aproximei de pessoas que não eram tão próximas, me afastei de pessoas que estavam do lado de fora do Hospital e vi que muitas não eram tão significativas para mim.

Tantas coisas aconteceram nesses cem dias... no início, como tudo era incerto, tínhamos cuidados exagerados – lembro de higienizarem quase quinhentos limões, um por um. Acho que exagerei no protocolo inicialmente.

Comemoramos alguns aniversários, fiquei responsável por fazer alguns bolos. Pois é, todos tinham mais de uma função e uma das coisas que eu gostava de fazer era me aventurar na cozinha fazendo bolos. Lembro de um dia em que fiz quatorze; nunca tinha feito tanto bolo na vida antes.

Comemorei meu aniversário de trinta anos no hospital. Lógico que tinha outros planos totalmente diferentes para esta data mas, por incrível que pareça, foi um momento incrível: teve música, balões, ensaio fotográfico, faixa de miss Mogi (sou de Mogi das Cruzes). Esse aniversário nunca será esquecido: minha família e melhores amigas apareceram na janela dos encontros de surpresa. Que dia especial e que renovação de energia para aguentar o mês que ainda viria!

Tivemos muitos momentos bons aqui dentro - noites de pizza, karaokê, festa junina, confraternizações, noites de cinema, alguns dias de fitdance, aula de funcional. E também tive os meus momentos de realizar treinamentos, atualizar protocolos, discussão de casos, elaborar estratégias para a abertura gradual com segurança, pensar em estratégias para manter a equipe e pacientes seguros. Lógico que tudo se deu graças a uma construção coletiva da equipe.

Cada um que participou da Quarentena Solidária vai levar consigo memórias e momentos da experiência vivida. Eu tive momentos de medos e incertezas, de tristezas e alegrias, porém sempre tive a convicção de que aquele era o lugar certo em que eu queria estar. Uma experiência que transcendeu as minhas expectativas e que me tornou uma pessoa mais forte, decidida, objetiva, e acima de tudo mais humana.

A Quarentena Solidária foi contra os padrões tradicionais dos serviços de saúde pois o objetivo principal era garantir a segurança dos pacientes, da equipe e dos familiares que estavam em suas casas. Essa é a essência do Hospital Premier.



Amanda Macedo é Enfermeira responsável pelo serviço de controle de infecção hospitalar do Hospital Premier.

Foto: acervo pessoal

Ressignificando a vida ao morar na minha outra casa

Taciane Catib

Quando o assunto pandemia chegou na nossa prática de cuidados, tudo era novidade. Sendo assim, como medida de proteção, o Premier resolveu iniciar a Quarentena Solidária. A sensação foi de gratidão e medo ao mesmo tempo, com muitas indagações pessoais e profissionais. Embora trabalhar seja uma das coisas que mais amo fazer, pensei como meus filhos ficariam sem mim.

Logo ao chegar, os desafios começaram, pois, a partir daquele momento, todos estavam trabalhando em benefício do paciente – o que sempre foi, mas de uma forma diferente. Sendo assim, eu não atuaria somente com a Enfermagem. Até poucos dias antes da pandemia, era o setor que eu coordenava, mas então passei a, de fato, me sentir como membro integrante dos cuidados aos pacientes e junto com a equipe da linha de frente, sob supervisão e escala elaborada pelos enfermeiros, literalmente do outro lado. E isso foi incrível e a melhor coisa da pandemia: me aproximar da equipe e aprender com eles todos os dias.

Aos poucos fui me sentindo mais confiante e, assim, conquistando meu espaço, trabalhando em equipe, motivando e sendo motivada diariamente pelo simples fato de cuidar, ter responsabilidade ética e afetiva com todos do meu convívio.

Entre tantos momentos memoráveis, não posso deixar de mencionar o Dia das Mães pois o cuidado que o Hospital teve com os colaboradores o tempo todo foi sem igual. Neste dia, recebemos uma homenagem linda, onde meus dois queridos filhos gravaram um vídeo para mim. Neste momento senti o maior aperto no peito e chorei muito, sendo carinhosamente acolhida por uma pessoa especial que faz parte da minha trajetória profissional.

Valorizo ainda mais os meus pais – os melhores do mundo - e desde então não fico muito tempo sem vê-los. Agradeço pela vida deles diariamente, acreditando que Deus cuidou de tudo o tempo todo. Amo meus filhos e procurei ser uma mãe melhor, mesmo de um jeito diferente da mãe moderna... E também cuidei de mim, da minha saúde física e mental, o que me manteve forte todos os dias.

Agradeço ao Premier por mais essa experiência, à minha equipe, à equipe multi, ao meu superior, aos pacientes, aos acompanhantes e familiares que estiveram conosco na Quarentena. Agradeço aos primos e amigos que se fizeram presentes, mesmo com minha ausência de quase 100 dias. Agradeço pelo tempo que morei aqui, onde já chamava de minha outra casa. Agradeço também pela confiança em mim depositada e espero de coração ter retribuído à altura.

Amizades maravilhosas ganhei e quero ter para a vida toda. Posso dizer que essa experiência maluca foi maravilhosa, me fez uma pessoa melhor e uma gerente de gente muito melhor graças a cada dia vivido na Quarentena.

Nem tudo foi trabalho. Foram alegrias, emoções, aprendizados, evolução, tudo como uma família, um lar.

No começo, a saudade das pessoas importantes, depois, o aprendizado de conviver com pessoas com hábitos e culturas diferentes. Ao finalizar essa Quarentena no Premier, tive a sensação de dever cumprido, com muita vontade de fazer esse clima e espírito de equipe permanecer nas nossas vidas e no trabalho de todos os dias.



Taciane Catib é gerente de Enfermagem do Hospital Premier.

Foto: acervo pessoal.

“Ao tocar uma alma humana, seja apenas outra alma humana”

Aline Oliveira

Em nossas vidas há várias datas importantes que se tornam muito representativas nos nossos dias. Elas nos enchem de alegria, luz e esperança: a chegada de alguém especial, o nascimento de um filho, um lindo casamento ou a morte de alguém muito querido.

Antes vou me apresentar. Sou Aline Oliveira, funcionária do Hospital Premier há nove anos. Entrei como Auxiliar Técnica de Enfermagem e há dois anos sou Enfermeira do período noturno. Mãe da Helena (12 anos) e Arthur (6 anos), solteira e professora para Técnicos de Enfermagem.

Quando me refiro a datas importantes, temos várias ao decorrer da nossa existência. E uma das mais marcantes foi o final do ano de 2019. Surgia uma conversa mundial sobre uma pandemia com um nome tanto quanto diferente – COVID-19. Acredito que todos, assim como eu, não entendíamos muito bem o que acontecia. Só passamos a entender a gravidade e a proximidade do fato quando as mortes subiam terrivelmente dia após dia. Muito triste essa doença que te faz morrer isolado e sozinho, quando o que mais queremos em um leito de morte é uma mão para segurar e uma oração sincera... e esta doença separou famílias e várias pessoas de idades diversas...

No meio de todo esse caos, sempre foi nossa maior pergunta e preocupação: se o vírus chegasse até nós, o que seria dos nossos pacientes? Por conta disso, Dr. Samir Salman teve a ideia de fazer a Quarentena Solidária onde ficaríamos, a princípio, fechados por 45 dias dentro do Premier cuidando dos nossos frágeis pacientes.

No dia 25 de março de 2020, uma grande equipe para a qual o dever de cuidar falou mais alto, resolveu se fechar, sabendo que nossa família estaria sendo assistida aqui de fora por outra equipe criada pela direção do hospital. E assim, de forma voluntária, chegamos naquela manhã quente, assumimos plantão e cuidamos como sempre da forma mais tranquila e gostosa... No período da tarde, percebi que do lado de fora do vidro o mundo estava parado. Não passava carro na Ponte Estaiada, parecia que estávamos em uma grande bolha, que havia tido um corte na linha do tempo e lá dentro do hospital se criava uma dimensão à parte...

Engraçado que, mesmo com toda saudade da casa, da família e dos filhos, criamos ali uma grande família. Nos cuidamos mutuamente, criamos um local de muita energia boa, de leveza, de sorrisos fáceis. Eram dias quentes e algumas noites frias. Meu aniversário se aproximava (faço anos em 12 de abril) e jamais havia passado essa data longe de meus filhos e da família. Nesse dia foi um tal de ganhar ‘parabéns’ o dia todo – cuidadores agradavam a mim e a toda a equipe com bombons, pequenas coisas passaram a ter um significado enorme, e essa sensação foi ainda maior à noite quando fizemos uma pequena festinha no Solário do segundo andar. Neste momento percebi que o Premier, que sempre foi minha segunda casa há muitos anos, também era uma linda família formada de diretores, doutores, técnicos, enfermeiros, meninas da higiene, terapeuta ocupacional. Juntos éramos uma grande família de irmãos mais velhos, de alguns colos e abraços de mães.

Os dias foram passando, chegamos aos 45 de isolamento e nossa missão ainda era grande. Havia a possibilidade de sair, mas acredite, quase ninguém queria e então fomos ficando... No Dia das Mães, dentro dessa nossa casa, após um dia valoroso de trabalho, pacientes estáveis, tivemos nos ‘Jardins de Soraya’ pizza e uma homenagem no telão. Foi lindo de viver... Choramos juntos, aumentou a saudade de casa mas isso só fortaleceu o nosso propósito de continuar.

No dia 27 de maio, depois de vários banhos e cuidados, durante a preparação das medicações, fui chamada até a sala da direção. Desci apreensiva e, ao entrar, após uma conversa tranquila, Dr. Samir me promoveu a Enfermeira. Nem acreditei. Passei na sala dos médicos ao lado, chamei a Dra. Bárbara e subimos festejando. Que dia inacreditável! Comemorei com minha equipe, à noite inventaram pizzas feitas na cozinha do hospital e comemoramos juntos essa nova fase em meio a esse turbilhão de emoção.

Assumo o plantão como Enfermeira no dia 1º de junho de 2020. Como éramos poucos na equipe, fui para o noturno e onde estou até hoje. A rotina era a mesma do diurno – Técnicos de Enfermagem, Enfermeiros e Médicos se revezavam dando banhos, fazendo curativos e medicações. Não estávamos mais separados por graduação ou hierarquia trabalhista, éramos uma grande equipe. Há uma frase que nos representa até hoje, dita por Carl Jung: “Conheça todas as teorias, domine todas as técnicas, mas ao tocar uma alma humana seja apenas outra alma humana”.

Chegamos, por fim, aos 100 dias e o Hospital anuncia que iria encerrar a Quarentena. Teríamos que nos preparar. Tivemos acompanhamento psicológico em todo o caminho e sei que foi tudo muito bem planejado, desde o primeiro dia das portas fechadas até o último dia. Agora com as portas abertas, saímos aos poucos em grupos estruturados, retomando a rotina de trabalho normal de forma cuidadosa, como sempre tratado pela direção. Por isso só posso deixar minha gratidão eterna por tudo que vivi e vivenciei.

Já se foram quase 3 anos. Todo medo e angústia pelos quais passamos nos ajudou a redobrar cuidados e aumentar o respeito pela vida dos nossos pacientes e familiares.

Acreditamos nessa casa chamada Hospital Premier como um lugar em que há respeito e onde celebramos a vida. Ali, seja deitado em um leito, seja como familiar, cuidador ou trabalhador, sempre haverá o amor de alguém!



Aline Oliveira é Enfermeira e atua no Hospital Premier há dez anos.

Foto: Acervo pessoal

A solidariedade é o melhor caminho

André Comune

Fazer parte da Quarentena Solidária foi a maior experiência pessoal e profissional da minha vida. Diversos sentimentos afloraram na entrada – dúvidas, medo, angústia, saudades, esperança. No início foi complicado, mas com o passar do tempo, com a convivência e a construção coletiva de todas as tarefas que tínhamos pela frente, as coisas foram se ajeitando.

No campo pessoal consegui conviver, aprender e conhecer histórias de vida incríveis de pessoas com a qual já convivía profissionalmente há algum tempo. Compreender de verdade a vida das pessoas me trouxe diversas reflexões e aprendizados. Hoje, com certeza, sou uma pessoa melhor.

No campo profissional, as vivências foram surpreendentes. Compartilhei as tarefas médicas com dois colegas e juntos conseguimos realizar nosso trabalho da melhor maneira que era possível. Aproveitei a oportunidade para mergulhar no trabalho da enfermagem e essa foi a melhor decisão que podia ter tomado. Aprendi muito com excelentes profissionais que mudaram a minha visão sobre meu trabalho e como cuidar de pessoas. Fui muito bem acolhido e com toda paciência possível foram me ensinando, passo a passo, como realizar todas as tarefas.

Banhos, cuidados, trocas de fraldas, mudanças de decúbito, posicionamento, preparo e administração de medicações e dieta, entre vários outros afazeres, tornavam o dia cansativo, mas com interesse, alegria e trabalho coletivo tudo fluía perfeitamente. Ao final da Quarentena, até ganhei um diploma de técnico de enfermagem assinado por profissionais extraordinárias!

Hoje, o Hospital Premier tem uma equipe mais sólida, fraterna e solidária. Contudo, continuamos na busca diária de conhecimentos, aprendizados e sentido no nosso trabalho. A construção de uma equipe é uma tarefa árdua e creio que estamos no caminho certo.

Vale ressaltar que a decisão que o Hospital Premier tomou foi bastante corajosa e difícil, mas condizente com a biografia e valores da instituição. Cuidamos uns dos outros, nossas famílias estavam mais protegidas e conseguimos manter o vírus longe dos nossos pacientes. Num país tão desigual como o nosso, potencializado por uma pandemia e diversas incertezas, a solidariedade nos mostrou ser o melhor caminho. Agradeço imensamente a oportunidade dessa vivência.



André Cerqueira Comune é médico no Hospital Premier.

Foto: Afonso Xavier

Quando o mundo parou

Eliane da Silva Costa

Tudo estava aparentemente normal no mundo quando, de repente, uma notícia repercutiu por todos os telejornais, rádios, programas de televisão e demais meios de comunicação: a chocante história de um vírus letal se espalhando mundialmente.

Um clima de incerteza nos deixou todos com medo, sem muitas informações sobre esse vírus e, infelizmente, com uma morte atrás da outra, os números aumentavam drasticamente.

Foi quando o Dr Samir, diretor geral do Hospital Premier, nos comunicou que havia tomado uma decisão: que seria necessário fechar o hospital na única intenção de preservar e salvar vidas humanas, tanto de nossos pacientes quanto a vida de nossos pais, filhos, amigos, demais familiares e também a nossa própria vida.

Ele explicou como tudo iria funcionar e que ninguém seria obrigado a ficar no hospital. Realmente só ficaria quem quisesse. Assim, formamos uma família de 90 pessoas.

Não tivemos muito tempo para pensar. Já estávamos nos aproximando do primeiro lockdown, e não foi fácil tomar uma decisão assim, sem tempo para analisar e se programar com tamanha mudança na rotina. Mas, pelo menos para mim, bastou olhar o número de mortes diárias e o grupo de pessoas idosas com comorbidades – as mais afetadas naquele momento - e isso foi crucial. Logo pensei no meu pai, na minha mãe, no meu filho e nos nossos pacientes. Assim, decidi de imediato ficar no hospital e foi por eles que tirei forças para suportar a distância e enfrentar o medo.

Deixamos nossas casas, pais, filhos, os amores de nossas vidas e fomos cuidar do amor da vida de alguém, nossos pacientes, protegendo assim uns aos outros e evitando a proliferação e contaminação desse vírus COVID-19.

Nos sentíamos como se estivéssemos em uma bola de vidro. E dentro dela, o vírus não entraria. Dessa forma, iniciamos a nossa Quarentena Solidária no dia 25 de março de 2020, que seria por apenas 45 dias. Porém, como eu citei logo acima, ainda não tínhamos muitas informações sobre esse vírus, não sabíamos sobre as mutações e a vacina era o que mais esperávamos. Ela era a nossa esperança, porém, ainda estava um pouco longe de conseguirmos.

E 45 dias não foram suficientes para voltarmos às nossas casas e retomar nossas vidas. A Quarentena se estendeu para 100 dias: passamos o dia dos pais, dia das mães, aniversários e demais datas longe da nossa família, sem poder ao menos dar e receber um abraço. E os dias assim foram se passando, fazíamos chamadas de vídeo todos os dias para nossos familia-

res e para os familiares de nossos pacientes. Essa era nossa única alternativa para poder ver um pouquinho de quem tanto amávamos.

Dizer que foi fácil é impossível; tudo foi muito difícil. Porém, mesmo com o elevado grau de dificuldade, posso afirmar que ao mesmo tempo foi muito gratificante pois nos tornarmos a família um do outro, ajudávamos uns aos outros e dessas 90 pessoas que aderiram à Quarenta Solidária, todos faziam de tudo, não tinha essa de cada um no seu setor ou cada um com os seus afazeres. Eram todos com a mão na massa todos em prol de um único objetivo: cuidar dos nossos pacientes que, naquele momento, só tinham a nós.

Oferecemos amor, carinho, dignidade, afeto, respeito para cada um deles e o resultado foi essa imensa gratidão de ter vivenciado a Quarenta Solidária e de ter conseguido transformar um momento tão difícil em sentimento de gratidão. Porque enche o coração saber que deu tudo certo, apesar de tanto sofrimento, perdas e dores no mundo inteiro.



Eliane da Silva Costa é Técnica de Enfermagem
há 8 anos no Hospital Premier.

Foto: Acervo pessoal

Foi tremendo!

Fábio Martiniano

Era uma sexta-feira, dia 12 de março de 2020, me recordo como se fosse ontem... estava buscando meu filho Luiz Felipe na escola quando recebi um contato da empresa explicando sobre as ações que seriam tomadas nos próximos dias.

Eu, no transporte coletivo já vazio pelos efeitos da pandemia, disse que sim e ouvi que na segunda-feira receberíamos mais detalhes. Passei o fim de semana imaginando mil situações e possibilidades para o meu dia a dia e da minha família dali para a frente.

Eu me sentia como numa grande jornada, daquelas só vistas em filmes de aventura de jovens garotos dos anos oitenta. Eu tinha consciência de que estávamos passando por um momento de crise na qual nem meus avós chegaram a viver.

Foi assim que cheguei na sala do então diretor José Pinto diante da convocação para a Quarentena Solidária. Ele me explicou sobre a necessidade da minha presença. A demanda, por sinal ousada, era montar uma ala de internação com recursos tecnológicos de ponta, que possibilitasse o conforto do paciente em caso de isolamento total de COVID-19.

No decorrer dos primeiros dias, o cuidado foi tão grande com o hospital que não houve infecção em nenhum dos nossos pacientes. Então, aquela ala se transformou em dormitório para os colaboradores. Como nossos pacientes necessitavam de cuidados, tomei a decisão de me voluntariar para ajudar nos cuidados essenciais junto à equipe de enfermagem. A ajuda era nos banhos e trocas de roupas. Pude ter um contato humanizado pela primeira vez em dez anos de carreira no Premier.

O que mais me marcou nessas atividades foram as vezes em que eu colocava a música preferida dos pacientes para tocar. Era gratificante ver esboços de sorrisos e movimentos leves da cabeça em uma tentativa de acompanhar o ritmo.

Além de cuidar dos pacientes, eu me descobri no voluntariado de serviço nas refeições. Todas as manhãs, acordava às seis para o preparo do balcão do café onde eram servidas guloseimas como croissants, geleias, pães artesanais. Era um momento de conforto diário para motivar a todos. Foi tremendo!



Fábio Martiniano Nascimento é Gestor de Tecnologia da Informação e está há 12 anos no Premier. É graduado em redes de computadores pela Faculdade Sumaré e especializado em Informática em Saúde pela Unifesp.

Foto: Acervo pessoal

Ai de nós se não fosse o cuidado!

Safia Khaled

Pensar na Quarentena é quase como me teletransportar para o local onde passei mais horas durante aqueles tempos. Já me vejo naquele quadrado de uns 70 m² ralando com mulheres que, em turnos, davam conta da grande responsabilidade que era preparar comida para aquela multidão que decidiu ficar longe dos seus, e fazer do hospital sua morada temporária: funcionários e voluntário, além dos pacientes!

Confesso que no início romantizei um pouco este lugar. No sentido de achar que era uma oportunidade de mostrar às pessoas outro tipo de alimentação, pelo menos sem ultraprocessados. Quanta prepotência a minha! Tive que passar pela famigerada revolta da salsicha para entender que mexer com a comida do povo é como cutucar a onça com vara curta!

Por essa e inúmeras outras dificuldades que surgiram pelo caminho, não posso deixar de mencionar três mulheres das mais trabalhadoras, empáticas e doces que já conheci: Eva, Maria e Merilda. Ai de nós se não fossem elas nos fazendo rir quanto tudo era motivo de choro, preparando suas poções mágicas para cuidar de quem ficava doente. Ai de nós se não fosse o cuidado!

Era um momento de muito estresse e sobrecarga, mas essas mulheres e tantas outras pessoas se deram as mãos, conviveram com as diferenças e com muito humor e amor foram fazendo aquela loucura se tornar possível. Para acalmar os ânimos, fizemos noites de pizza acompanhadas e animadas pelas mixagens e danças coletivas do famoso DJ Jaiminho, bem como tantos outros eventos.

A esse ponto, confesso que as doações de jantares e as polêmicas salsichas nos salvaram muitas horas de trabalho.

Mas antes que isso vire um relato sobre salsichas, preciso lembrar que, fora daqueles 70 m², enfermeiros e fisioterapeutas se juntaram a técnicos e auxiliares para trocar fraldas dos pacientes. Médicos com funções na rouparia, faxineiras que cozinharam, todos lavaram muita louça e, como muitos outros relataram, aquela hierarquia que outrora ocupava os corredores do hospital foi se dissolvendo.

Não foi fácil, mas se tem algo de valioso que carregaremos sempre conosco é o que aquelas trocas nos ensinaram: somos o coletivo, e sem ele, não somos!

Safia Khaled – Secretária Executiva
no Hospital Premier

Foto: Afonso Xavier



O poder da comida

Pedro Schatz

O convite para ingressar na Quarentena foi algo que só entendi depois de alguns dias lá dentro. Entre limões esterilizados por fisioterapeutas e mudanças de rotina de uma cozinha já muito bem estabelecida, entendi o tamanho da responsabilidade.

A forma como os pacientes eram cuidados chegou até mim pela atenção nos detalhes de cada prato que saiu de lá. Cada pedido importava, tudo era pensado para dar conforto, e a comida tem esse poder. Cozinheiras e copeiras até brincavam que os pacientes eram seus filhos, e realmente os tratavam dessa maneira.

Descontraído, o clima que essas mulheres longe de casa e da família traziam para o nosso convívio conseguia quebrar a tensão do momento vivido e isso se refletia nas refeições. O livre acesso dos pacientes e funcionários aos ambientes do hospital, só possível pelo belo trabalho de todo o corpo de funcionários, nos presenteava com o que eu considerava um dos melhores momentos do meu dia: visitas ao pé da porta para pedir uma fruta, doce, cafézinho ou só bater um papo.



Pedro Schatz, chef, responsável pela Cozinha do Hospital Premier à época da Quarentena.

Foto: Afonso Xavier

■ PARTE 3

Repercussão



A experiência de comunicar um fato inédito ao mundo

Ruam Oliveira

Sexta-feira, 27 de março de 2020. Era perto das 6 e meia da manhã quando cheguei ao Premier. Meu irmão me deixou no portão lateral do hospital, na rua Roque Petrella, que dá em direção a uma rua sem saída. Ali, pelos próximos 100 dias, seria o único local de entrada por onde chegariam alimentos, insumos, frutas e legumes, fraldas, remédios, roupas vindas da lavanderia, presentes enviados pelos familiares. Tudo.

O hospital entrou em isolamento total no dia 25 de março e a partir de então as visitas cessaram. Os músicos – habituais na rotina do hospital – deixaram de vir, a recepção fechou. Lockdown mesmo – palavra que ficou na moda pelos meses seguintes. Esta foi a estratégia encontrada pela direção do hospital para barrar a entrada da Covid-19 na instituição.

Quem me recebeu já desperto foi o superintendente do hospital, Samir Salman. De chinelos, bermuda cinza claro e camiseta simples, recém-saído de um banho, me olhou e disse “É uma surpresa você ter vindo”. E para mim também era. Ele disse ter ficado assustado, mas no bom sentido da palavra, quando escrevi na tarde da quarta-feira perguntando se ainda estava em tempo de embarcar nessa história.

Assim que cheguei, Samir pediu para que eu deixasse minha mala, meu cobertor e travesseiro em uma barraca localizada logo na entrada. Essa era a barreira número um no quesito higienização. E tudo era freneticamente higienizado.

Foram montadas duas barracas, uma do lado esquerdo da entrada do estacionamento e outra no lado direito. A barraca do lado esquerdo era reservada para produtos que deveriam ficar mais tempo em quarentena, como roupas, sapatos, itens de papel etc. À época, entendia-se que o vírus permanecia em tecidos ou objetos de madeira e metal por vários dias.

Na barraca da direita eram depositados itens que poderiam ser higienizados e levados para o quarto. Também era neste lugar que o Paulo Sergio Ataulo, que antes trabalhava no almoxarifado, mas que resolveu tomar para si como uma espécie de missão ser o “guardião do portal”, desinfetava frutas, legumes e demais itens recebidos do mundo exterior.

Não muito diferente de como acontecia lá fora, as coisas que chegavam ao hospital eram limpas de um jeito que beirava a paranoia. Certa vez a equipe higienizou mais de 100 limões individualmente. Aquele portão lateral, realmente, deveria ser uma barreira.

O portão de entrada, que fica na Avenida Jurubatuba, no bairro de Vila Cordeiro, em São Paulo, foi fechado – e não tornaria a abrir nem mesmo após o fim do isolamento. O muro de vidro em frente à instituição seria um dos poucos meios onde aqueles que estavam do lado de fora conseguiriam visualizar o que acontecia no lado de dentro.

O hospital é um pequeno bloco de concreto de quatro andares que fica entre a Avenida Engenheiro Luis Carlos Berrini, a Avenida Jornalista Roberto Marinho e, do lado oposto, a Avenida Morumbi. Cercado por duas ruas laterais sem saída e um terreno baldio ao fundo, a construção de cor creme com ladrilho azul escuro tem em frente uma praça implantada acima do asfalto onde antes a Avenida Jurubatuba ocupava uma segunda via.

Dessa rua sem saída onde seria a nova entrada, é possível enxergar ao fundo a Ponte Estaia-Octávio Frias de Oliveira, construção muito conhecida em São Paulo, plano de fundo dos jornais matinais da Rede Globo, vizinha do hospital. A emissora, no mesmo dia 25, esteve em frente à instituição para comunicar a notícia do isolamento.

O então âncora do jornal SP1, o jornalista César Tralli, comunicou a medida extrema tomada pela direção da instituição. A proposta era de que o hospital ficasse fechado do dia 25 de março até o dia 10 de maio. Na tela da TV a repórter Sabina Simonato, que foi até a frente do hospital, contou que dos 200 funcionários da instituição, 80 optaram voluntariamente por permanecer isolados durante esse período.

Esse número aumentaria no decorrer dos dias e a decisão inicial de “ninguém entra e ninguém sai” sofreria algumas adaptações conforme os dias fossem correndo.

Naquele dia 25 de março de 2020 o Brasil somava 59 mortos pela doença, 49 deles em São Paulo. Ao todo havia 2.555 infectados em todo o território nacional. Se comparados aos números de um ano depois, as estatísticas podem parecer mínimas. Na mesma data um ano depois o país chegaria a registrar 2.639 mortes causadas pelo novo coronavírus em apenas 24h. Março de 2021 apresentou recordes no número de casos e de mortos pela doença, alavancados pelo surgimento de novas variantes da doença e pelo quadro de vacinação da população, ainda sendo feito a passos muito lentos. Foi o mês de maior letalidade, com dias em que o número de mortos beirava os quatro mil.

Mas Samir tinha apenas um vislumbre do que poderia acontecer. Uma intuição. Em muitas conversas e entrevistas que se seguiram a essa decisão, o gestor do hospital racionalizava constantemente como chegou até àquele momento.

Muitas vezes mencionou reportagens sobre casos de Portugal e Itália – à época um dos principais epicentros da doença – e o quanto o cenário, se repetido no hospital que dirigia, poderia ser devastador.

Nas palavras dele, a pandemia exigiu que fosse colocado à prova o discurso que ele carregava. Brasileiro de origem libanesa e criado no bairro do Brás, em São Paulo, Salman dirige o hospital Premier desde a fundação da instituição, em 2004.

Não apenas eu como muitos outros repórteres com quem ele conversou ao longo desses 100 dias – e nos dias que se seguiram – tinham a mesma dúvida: como chegou a esse ponto? Salman sempre respondia que as circunstâncias do hospital permitiram que fosse possível o isolamento total. “O histórico” da instituição, dizia ele.

A primeira vez que pisei no Premier eu era um repórter recém-formado. Como primeira pauta, cobri uma sessão de pet terapia, que era realizada uma vez por mês e onde os familiares podiam levar cachorros, gatos, e até calopsitas para os donos internados. Também uma equipe especializada acompanhava a sessão levando cachorros adestrados. Foi meu primeiro contato com esse tipo diferente de cuidado, que de certa forma vai além daquilo que é físico e abrange o que é emocional.

Foram quase quatro anos até o dia em que levei minha mala, um travesseiro e um cobertor para a frente do hospital, para ingressar neste outro modelo de cuidado, que ia além do indivíduo e mirava também o coletivo. Não sabia que os próximos dias seriam cheios de exemplos de solidariedade.

QUARENTENA SOLIDÁRIA

Era preciso dar nome ao momento que estávamos vivendo. Até mesmo para situar as pessoas que estavam do lado de fora sobre este movimento feito pelo hospital. Que seria chamado de Quarentena, já era consenso de todos, mas que tipo de quarentena fazíamos? Eu levei essa pergunta para o Samir durante um café da manhã.

Depois de duas ou três sugestões descartadas, ele sugeriu que chamássemos de "Quarentena Solidária". A principal justificativa estava na presença voluntária dos funcionários, no que o diretor do hospital entendia como uma demonstração de solidariedade.

E assim ficou conhecido aquele período. Em todas as comunicações institucionais, citações na imprensa, entrevistas e até mesmo nos materiais internos o nome era reforçado.

Muita coisa eu observei nesse período em que trabalhei no hospital. Nenhuma delas se compara a esta experiência de estar vivendo um isolamento comunitário enquanto o restante do mundo se debatia para entender o comportamento desse vírus e tentava encontrar uma vacina eficaz o mais rápido possível.

A COMUNICAÇÃO

O estranhamento de Samir dada a minha vontade em embarcar nessa viagem não aconteceu sem razão. Eu mesmo me espantei com a decisão. Mas, naquele momento, a história parecia me chamar.

À época, a equipe de comunicação do hospital era muito reduzida. Eu estava encarregado da produção de conteúdo para o site e redes sociais da instituição, além de manter contato

com a imprensa. O que me fez optar por passar tanto tempo longe foi a percepção de que eu seria uma peça importante.

Me perguntei muitas vezes "quem seria a pessoa a fotografar o que ocorre lá dentro e somente lá dentro?" ou "quem seria a pessoa a filmar e deixar registrados esses momentos?". Claro que alguém seria escolhido, mas aquilo fazia parte do meu trabalho.

Hoje, com certa distância dos eventos daquele período, percebo que fiz um cálculo diferente a respeito do que me seria exigido. Foi um particular desafio quando diferentes veículos de imprensa passaram a entrar em contato solicitando entrevistas: com funcionários, gestores, pacientes e também familiares.

Esse tratamento com o público externo era, em quase todos os casos, acompanhado por mim. Imagens da fachada e dos encontros entre familiares e pacientes – encontros estes que aconteciam pelo vidro colocado na fachada do hospital – eram também agendados por mim, que contava com a ajuda excelente do serviço social, que me mantinha sempre informado sobre os dias e horários das visitas.

Fora isso, havia também a necessidade de manter as redes sociais abastecidas de informações sobre o que acontecia lá dentro. Fotos das atividades, vídeos e depoimentos sobre o que acontecia no hospital, também ficavam por minha conta.

Havia também uma alta demanda por comunicados internos. Como a situação fora do hospital mudava constantemente, a gestão também seguia de acordo com essas mudanças. Avisos sobre contato entre familiares e pacientes, avisos sobre o funcionamento interno, onde aconteceriam as reuniões – realizadas em dias intercalados – e com quais equipes, também eram disparados por mim.

Foi um trabalho de comunicação interna e externa. E alguns dias foram bem exaustivos. Nesta missão de registrar a história e de ser um tipo de "espião de Deus", por vezes troquei turnos, fui dormir muito tarde e acordei muito cedo. Mas colocando em perspectiva, vejo que foi um período de crescimento pessoal e profissional.

Todos esses desafios que me foram colocados serviram de aprendizado. No fazer e no pensar. Aprendi, na prática, a comunicar de diferentes maneiras. Aprendi, também, a pensar a respeito de como a comunicação pode ser feita e como, por vezes, ela é atravessada por diferentes decisões e maneiras de ver as circunstâncias.

Ninguém conta a mesma história. Porque cada narrador vivencia experiências, mesmo que semelhantes, de maneiras diferentes.

O próprio fato de viver por cem dias em um hospital de cuidados paliativos foi transformador. Comunicar essa experiência foi desafiador em igual medida. Desde que entrei por aquele portão lateral, sabia que estava diante da missão de reportar um fato inédito. Que o desafio era grande, mesmo que ainda não compreendesse o quanto.

A pandemia ainda persiste. Agora, com uma máscara diferente daquela que enfrentamos em 2020. E os desafios são outros. Nem sempre tão memoráveis quanto este.



Ruam Oliveira é jornalista. Atuou na Comunicação do Hospital Premier de 2016 a 2021. Escreve sobre educação, literatura, cultura e entretenimento.

Foto: Vinícius de Oliveira

Uma conexão coletiva com a vida

João Rocha Rodrigues

A notícia chegou rápido por aqui. O mundo estava virando de cabeça para baixo quando recebi uma chamada de Samir Salman contando que tinha acabado de tomar uma decisão improvável. Improvável para mim, é preciso dizer. Para ele não havia outra opção: era preciso criar uma bolha para evitar que a COVID-19 atravessasse as portas do Hospital Premier.

A doença já havia passado pela China, criado o caos em países europeus como Itália, Portugal e Espanha e começava a dar as caras no Brasil. O cenário era terrível. Sem soluções medicamentosas para conter a disseminação do novo coronavírus, a COVID-19 se espalhava a passos largos. Enquanto autoridades brasileiras faziam pouco caso do alcance provável da pandemia, os sinais eram evidentes de que a doença estava fora de controle.

A preocupação de Samir não era à toa. Os pacientes do Premier eram classificados como de altíssimo risco. Quando me contou que iria fechar as portas do hospital com pacientes, colaboradores, cuidadores e familiares, ele justificou: era como se aquela gente fosse de sua família, era preciso protegê-la a qualquer custo. Não havia planilhas orçamentárias, manuais de gestão ou qualquer outro argumento que o demovesse da ideia que assumiu exatos nove dias depois de a Organização Mundial da Saúde declarar a pandemia de COVID-19.

Até hoje, passado tanto tempo e com mais de 6,5 milhões de mortos pela doença no mundo (cerca de 10% deles só no Brasil), não há notícias de qualquer instituição de saúde que tenha feito algo semelhante.

A excepcionalidade da proposta logo despertou a necessidade de registrar o que estava acontecendo entre os muros daquele imóvel localizado na Vila Cordeiro, na região da avenida Berrini, que abriga a sede de algumas das mais importantes empresas do País. Enquanto grandes empresários batiam cabeça para não perder dinheiro com o isolamento que se impunha, o Premier armava suas defesas a favor da vida.

Entre os que se voluntariaram para aquele isolamento comunitário, estavam os jornalistas Palmério Dória, Ruam Oliveira e Vinicius França. Me juntei a eles, à distância, para tentar dar conta daquela experiência única através de vídeos, áudios e textos, além de pensar em soluções para superar as questões que se impunham no dia-a-dia – sempre sob a luz dos também jornalistas Ana Luísa Zaniboni e Sergio Gomes. Uma delas foi pensar em um espaço que batizariamos de Janela dos Encontros, um pedaço da fachada de vidro do hospital que permitia que os que estavam isolados pudessem matar as saudades de quem tinha ficado do lado de fora.

Sempre havia gente por ali, em encontros emocionantes. Foi a partir dessas cenas que a experiência que estava acontecendo no Premier ganhou projeção em jornais, telejornais e portais de vários cantos do Brasil e do mundo. O isolamento comunitário do hospital foi notícia no The New York Times, The Washington Post, France 24, CNN, TV Globo, TV5 e nas principais agências jornalísticas internacionais, como Associated Press e France-Presse.

Quando o que passamos a chamar de Quarentena Solidária estava prestes a completar 100 dias, a jornalista Juliana Kunc Dantas propôs a realização de um documentário que relatasse os últimos dias da fase mais restrita de confinamento e que pudesse fazer um balanço de tudo o que havia passado por ali. A primeira questão que se impunha era: como entrar com toda uma equipe audiovisual sem colocar em risco a façanha alcançada pelo hospital de não ter um só caso de COVID-19? Era um risco que não estávamos dispostos a correr. Além disso, não havia tempo de levantar um financiamento para o filme e o hospital vivia severas restrições financeiras por conta da tarefa que assumira. Ou seja: faltava tempo e dinheiro. E sobravam riscos.

Depois de alguns dias de conversas que envolveram produtores e outros profissionais de documentário – o tempo corria e quase estávamos perdendo o bonde da história –, a decisão foi improvisar. A relevância do tema fez com que decidíssemos que era preciso documentar aquilo da maneira que fosse possível, com os recursos que tivéssemos à mão.

Juliana já estava com as malas prontas. Entrou assim que recebeu a autorização do hospital. Em seguida chegou Renato Shiruo, estudante de Cinema que se juntou a ela e a Ruam Oliveira, que estava presente desde o início da Quarentena. A mim, nesse primeiro momento da produção, caberia acompanhar passo a passo o que o resto da equipe estava captando.

Ao longo de 9 dias, registramos situações do dia-a-dia, fizemos entrevistas e exploramos histórias que marcaram a vida dos que embarcaram nessa bonita jornada de valorização da vida. Porque, no fundo, Esquina do Mundo não é apenas um filme sobre o período de isolamento provocado pela pandemia de COVID-19 em um hospital especializado em Cuidados Paliativos. É, sobretudo, um registro de como um grupo de pessoas abnegadas foi capaz de abrir mão do conforto e da segurança – em meio ao caos pelo qual passava a humanidade – para estabelecer uma conexão coletiva com a vida.



João Rocha Rodrigues é jornalista, diretor e roteirista audiovisual. Colabora com os projetos culturais e de comunicação do Premier desde 2017.

Foto: Acervo pessoal

No olho do furacão

Juliana Dantas

Jornalista às vezes é meio que nem bombeiro. Precisa correr em direção a um local de onde muita gente precisa fugir. E, às vezes, por uma série de coincidências, estamos na hora e no local exatos da notícia.

As histórias são tão raras quanto fascinantes: um jornalista que estava de passagem por um país onde, infelizmente, estourou uma guerra; uma equipe de TV que estava fazendo uma reportagem sobre turismo em um país que sofreu um terremoto; um casal de jornalistas que interrompe a lua-de-mel porque houve um ataque terrorista na cidade ao lado.

Pois bem: foi assim que eu me senti quando soube que o Hospital Premier ia entrar em lockdown. Os pacientes eram o propósito de tudo. Como todos tinham estado de saúde delicado, se a COVID-19 entrasse por aqueles portões, certamente geraria um efeito dominó dos piores já vistos.

Em meio às incertezas da pandemia de COVID-19, eu era a jornalista mais próxima de um hospital que tomou uma atitude de que não se teve notícia no mundo inteiro.

CONSTRUÇÃO DE VÍNCULO

Para um jornalista, o estreitamento da relação com os entrevistados e com os lugares é um processo. Um processo de confiança, conhecimento, de troca. A primeira vez em que pisei no Hospital Premier foi nos idos de 2008 ou 2009. À época era produtora do Jornalismo da TV Gazeta, preparando uma série de cinco reportagens sobre cuidados paliativos no Brasil.

Me mantive em contato. Mas, mais pra frente, estreitei esse contato ainda mais, por razões pessoais. Em processo de adoecimento por câncer, a minha avó Olga foi acolhida no Premier tantas vezes que perdi as contas - inclusive nas duas últimas semanas de vida, até a partida, em março de 2018. Menos de um mês depois, foi a vez do meu pai ser internado. E lá ficou sendo cuidado também até a partida, em maio de 2018.

Diante de duas perdas tão relevantes no mesmo local, seria natural e compreensível querer me afastar, nem pensar em pisar lá novamente. Mas tive o ímpeto contrário. Ter perdido dois amores sob cuidados paliativos, sob extrema dignidade, fez tudo mudar. Me senti privilegiada e, portanto, aliviada. Mas, ao me sentir privilegiada e aliviada, também me senti inquieta. Quis, com urgência, dividir os cuidados paliativos com mais gente. Dignidade não poderia ser só pra mim e para os meus; precisava ser coletiva, homogênea.

Aos poucos, fui abandonando a minha carreira jornalística em rádio e televisão, e aprumando o meu destino. Decidi que o meu ofício seria empregado em outras esferas. Passei a me dedicar à temática do envelhecimento, da saúde mental, dos cuidados paliativos, da morte e do luto. Ao lado do também jornalista Renan Sukevicius, apresento o podcast Finitude, que completou quatro anos no ar em outubro de 2022.

MARÇO DE 2020

Depois desses longos parênteses, voltamos à fase da pandemia. Eu estava completamente isolada em casa, com meu marido e meus cachorros. Quando soube do lockdown do Premier, o instinto jornalístico gritou: eu precisava entrar naquele lugar novamente. Apresentei a minha pauta, negocieei e consegui. A única jornalista com essa autorização - duas vezes.

Na primeira, cheguei no dia seguinte ao fechamento dos portões. Um clima de tensão, plenamente justificável, estava no ar; o medo do desconhecido. Os semblantes estavam apreensivos, mas todas as pessoas pareciam cheias de gás, determinadas a fazer aquilo dar certo. Ao contrário do hospital como eu conhecia, salas administrativas haviam virado dormitórios, chefes estavam carregando camas nos ombros para terminar o serviço. Nesse dia, poucos tiveram tempo para me olhar nos olhos.

Saí de lá com a sensação clara de que reportaria um momento histórico. Essa experiência, que durou poucas horas, virou o episódio “Confinamento”, do Finitude Podcast. Continuei acompanhando as notícias de longe. Com o passar das duas primeiras semanas, veio a tranquilidade de que ninguém que havia ficado para dentro havia sido contaminado pelo coronavírus. Nenhum paciente, nenhum funcionário. Uma vitória que, lá no início, era incerta.

REPERCUSSÃO

A iniciativa logo ganhou os jornais, a internet, as revistas, as emissoras de rádio e televisão, nacionais e internacionais. Enquanto aqui fora todos os que podiam seguiam confinados em suas casas e apartamentos, lá dentro virou uma ilha. Amplos espaços externos, jardins bem cuidados, lugares onde tomar sol e ver esse mesmo sol se pôr ao fundo da Ponte Estaiada, cartão postal de São Paulo. Festa junina, academia, cinema, mesa de pingue-pongue, churrasco e pizzada. Os turnos de trabalho eram árduos, mas a convivência foi se azeitando. Melhor para os funcionários, melhor para os pacientes.

RUMO AOS 100 DIAS

Quando pude voltar a entrar naquele lugar, ainda em lockdown, já era a reta final. Abasteci uma mochila, peguei meu gravador e fui morar temporariamente no Premier. Por nove dias, o entreposto da limpeza foi meu quarto. Era junho e estava frio na maior parte do tempo. Em alguns momentos, choveu. Outros dias eram de céu azul. Calibrei o ouvido com os sons da rotina do hospital. Com o começar da manhã, o cair da tarde e o fim de noite.

Dessa vez, a minha missão era maior. Além do episódio “Confinamento: 3 meses depois”, reportando ao Finitude o que havia mudado em quase 100 dias, havia também o projeto de um documentário. Sem verba, sem estrutura, sem equipamentos ideais, mas com a certeza de que só tínhamos uma chance e deveríamos aproveitá-la do jeito possível.

Assinei o roteiro de “Esquina do mundo”, dirigido por João Rocha Rodrigues, imagens de Renato Shiruo e produção de Ruam Oliveira. Renato e Ruam foram meus parceiros de confinamento. João nos dava assistência diária remotamente.

Nessa segunda ida à quarentena solidária, entrei ansiosa para saber o que encontraria. Da primeira vez, havia encontrado um monte de gente com histórias começando; eu queria saber como estavam na reta final. Logo de cara, o mais visível: aquela apreensão inicial havia dado espaço a uma sensação de triunfo, mas os dias sem voltar para casa já estavam pesando nos ombros daquelas pessoas. Mais relaxadas, mas mais cansadas também.

QUASE UMA UTOPIA

Lá estava mais do que uma organização hospitalar, um organograma conservador. Havia, ali, uma experiência de comunidade bem mais horizontal do que o modelo de sociedade aqui fora. É como se a teoria dos cuidados paliativos tivesse alcançado a prática em sua plenitude. Todos os movimentos tinham como foco o bem-estar do paciente, dos familiares e dos funcionários, como deve ser.

Todos precisavam fazer de tudo, mas ninguém era obrigado a nada. Além das próprias atribuições, os funcionários se voluntariavam às atividades com as quais mais tinham afinidade: cuidando da roupa, servindo o café, o almoço ou o jantar, ou lavando a louça em algum dia da semana.

O desafio era registrar em áudio e vídeo tanta coisa que acontecia ao mesmo tempo. E selecionar, entre tantas histórias incríveis, as que caberiam ser contadas, tanto no documentário quanto no podcast.

O olhar de um jornalista está sempre buscando o ineditismo da vida. Costumamos brincar que “o macaco mordeu a banana” não é notícia, mas se “a banana morder o macaco”, definitivamente é material de trabalho para nós.

Quando iríamos imaginar um diretor de hospital fora de casa por três meses, dormindo num colchão no chão do próprio escritório e nos dando entrevista vestido em um moletom com a inscrição “Medicina Itajubá”? Quantos são os médicos que pedem para entrar na escala da equipe de enfermagem e são reconhecidos com louvor pelos profissionais titulares da categoria? Será que alguém, quando se forma em terapia ocupacional, pensava em atuar diariamente na roupa, distribuindo uniformes para os funcionários? Quantos profissionais da cúpula de um hospital já renunciaram a assistir ao parto do próprio filho porque entenderam como missão cuidar dos pacientes pelos quais são responsáveis? No Hospital Premier, a banana morde o macaco várias vezes.

Por nove dias de calendário, e vários anos em intensidade, viajei sem sair da minha cidade. Estive numa dimensão à parte, num ambiente físico que ainda existe, firme e forte, mas por um período difícil de narrar a quem não esteve para dentro daqueles muros. Fui parar numa esquina do mundo onde a vida é imperativa.

PARA ASSISTIR E OUVIR

- **Esquina do Mundo**

Selecionado para Essex DocFest UK (2021) e exibido na Mostra Paralela do Festival de Cinema de Alter do Chão (2021)

https://youtu.be/A9GICrq_kuk

- **Finitude Podcast – Confinamento**

<https://open.spotify.com/episode/6nrjb0ehFZkX2ZTBcqXOOQ?si=5df14c3c6f244192>

- **Finitude Podcast – Confinamento: 3 meses depois**

Vencedor da Menção Honrosa da Categoria Áudio do Prêmio Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos (2020)

<https://open.spotify.com/episode/5FfwoljleMacRnHfmgElxo?si=0e8899d95a334f53>



Juliana Kunc Dantas é jornalista, locutora e apresentadora do podcast Finitude. Atuou como roteirista do documentário “Esquina do Mundo”.

Foto: Acervo pessoal

Saiba tudo o que foi notícia sobre a Quarentena Solidária

Funcionários decidem dormir em hospital para combater coronavírus

<https://noticias.r7.com/saude/funcionarios-decidem-dormir-em-hospital-para-combater-coronavirus-29032020>

Funcionários contam experiência de ficarem isolados em hospital por 45 dias

<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/03/30/funcionarios-contam-experiencia-de-ficarem-isolados-em-hospital-de-sp.htm?cmpid=copiaecola>

Hospital se auto isola para evitar contaminação

<https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,hospital-se-autoisola-para-evitar-contaminacao,70003252803>

Profissionais decidem morar em hospital para reduzir risco de contágio | SBT Brasil (25/03/20)

<https://www.youtube.com/watch?v=VlsJVCqm1rM>

Retratação – SP1

<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/playlist/videos-tudo-sobre-sao-paulo.ghtml#video-8433670-id>

Coronavírus faz hospital confinar médicos e pacientes por quase dois meses em SP

<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/03/coronavirus-faz-hospital-confinar-medicos-e-pacientes-por-quase-dois-meses-em-sp.shtml>

Hospital de SP decide adotar isolamento total de funcionários e visitantes

<http://cbn.globoradio.globo.com/media/audio/295706/hospital-de-sp-decide-adotar-isolamento-total-de-f.htm>

Hospital particular de SP decide isolar funcionários, pacientes e familiares por 45 dias

<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/03/25/hospital-particular-de-sp-decide-isolar-funcionarios-pacientes-e-familiares-por-45-dias.ghtml>

Podcast Finitude: Confinamento

<https://open.spotify.com/episode/6nrjb0ehFZkX2ZTBcqXOOQ>

Podcast Finitude: Confinamento – 3 meses depois

<https://www.b9.com.br/shows/finitude/finitude-confinamento-3-meses-depois/>

O caso do isolamento total do hospital Premier – Podcast Momento Anefac

<https://open.spotify.com/episode/4CbL92csFXiSlwEua8wJQS>

Tecnologia substitui abraços no Dia das Mães das profissionais da saúde | SBT Brasil (09/05/20)

<https://www.youtube.com/watch?v=ggYKzpDGfa8>

San Pablo: 66 días aislados en un hospital

<http://cosecharoja.org/san-pablo-66-dias-aislados-en-un-hospital/?fbclid=IwAR2zlaTHmGzNWU-QdVBXcjp-BAjjQ601V9hY7pMTeJ-YmENUsvjA6OjmqKA>

Isolado há 2 meses, hospital de SP recebe 'visitas' por muro de vidro

<https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,isolado-ha-2-meses-hospital-de-sp-recebe-visitas-por-muro-de-vidro,70003312491>

Associated Press

<http://www.aparchive.com/metadata/Brazil-Virus-Hospital/fe31e12e423d42c4a0848b24c20ead35?query=Brazil¤t=8&orderBy=NewestFirst&hits=16513&referrer=search&search=%2fsearch%3fquery%3dBrazil%26startd%3d%26endd%3d%26orderBy%3dNewestfirst%26from%3d1%26allFilters%3d%26g2ItemId%3d&allFilters=&productType=IncludedProducts&page=1&b=0ead35>

Profissionais da saúde matam saudade da família pelo vidro | Primeiro Impacto (27/05/20)

<https://www.youtube.com/watch?v=s7jO6lTWOQQ>

Brazil hospital staff live on site to shield elderly

<https://www.republicworld.com/amp/world-news/rest-of-the-world-news/brazil-hospital-staff-live-on-site-to-shield-elderly.html>

Hospital completa 2 meses de isolamento

<https://www.istoedinheiro.com.br/hospital-completa-2-meses-de-isolamento/>

CNN (Instagram)

<https://www.instagram.com/p/CAln1TuJRm9/?igshid=8fiqcoju6qvh>

Entrevista com profissionais da saúde / TV Novo Tempo

<https://ntplay.com/video/5ec585405622414e0531ee6d>

Diário de um confinamento hospitalar: mãe e filha separadas por um vidro

<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2020/05/28/diario-de-um-confinamento-hospitalar-mae-e-filha-separadas-por-um-vidro.htm>

Washington Post

<https://www.washingtonpost.com/nation/2020/05/29/coronavirus-live-updates-us/>

Getty Images

<https://www.gettyimages.co.uk/photos/nelson-almeida-eunice>

Tampa Bay Times

<https://www.tampabay.com/news/health/2020/05/26/see-pictures-of-coronavirus-impact-from-around-the-world/?outputType=amp>

Brooklyn Daily Eagle

<https://brooklyneagle.com/articles/2020/05/27/our-world-in-photos-may-27/>

Morando em hospital, funcionários contam como driblam a saudade

<https://noticias.r7.com/saude/morando-em-hospital-funcionarios-contam-como-driblam-a-saudade-03062020>

Diário de um confinamento hospitalar: mãe e filha separadas por um vidro

<https://istoe.com.br/diario-de-um-confinamento-hospitalar-mae-e-filha-separadas-por-um-vidro/>

Postales de un hospital confinado : madre e hija separadas por un vidrio

<https://www.prensa.com/mundo/postales-de-un-hospital-confinado-madre-e-hija-separadas-por-un-vidrio/>

Isolado há 2 meses, hospital de São Paulo recebe 'visitas' por muro de vidro

<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/2020/05/24/isolado-ha-2-meses-hospital-de-sp-recebe-visitas-por-muro-de-vidro>

COVID-19: Brazil sets daily record of 26,417 new cases; worldwide total tops 5.9 million

<https://ottawacitizen.com/news/world/global-spread-of-covid-19-new-cases-and-todays-outbreaks-coronavirus-news-and-updates>

Podcast FEHOESP – Parte 1

<https://fehoesp360.org.br/noticia/6847/ouca-o-podcast-hospital-premier-faz-experiencia-inedita-contra-covid-19>

Podcast FEHOESP – Parte 2

<https://fehoesp360.org.br/noticia/6847/ouca-o-podcast-hospital-premier-faz-experiencia-inedita-contra-covid-19>

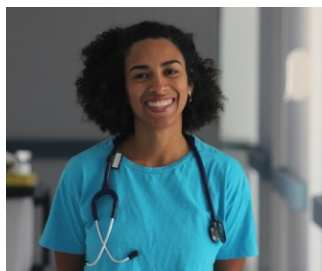
Funcionários de hospital vivem isolamento junto com pacientes para protegê-los da Covid-19 – Fantástico (TV Globo)

<https://globoplay.globo.com/v/8511059/>

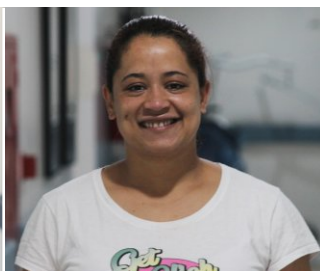
■ PARTE 4

Galeria





ADRIANA



ALESSANDRA



ALINE



AMANDA



ANA



ANDRÉ



ANDREA



ANDRESSA



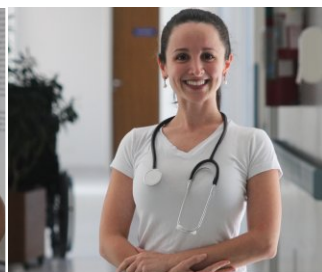
BÁRBARA



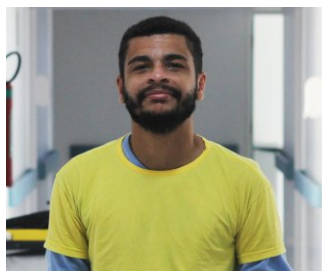
BETE



BIANCA MELO



BIANCA VIEIRA



BRUNO



CIBELE LOPES



CIBELE MARIANA



CIBELE



CLÁUDIA FARIAS



CLÁUDIA REGINA



CRIS



CRISTINA



DAIANE



DANI



DIEGO



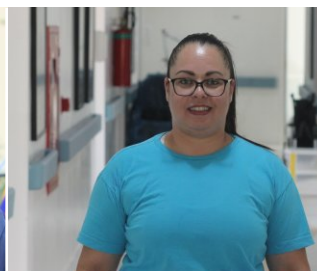
DORA



EDENILDE



EDNA



ELI



ELIZANDRA



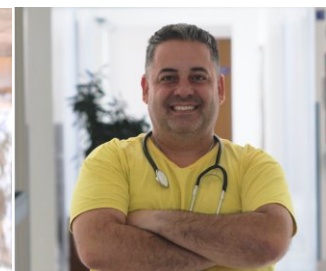
EVA



FABI



FÁBIO



FÁBIO LUIZ



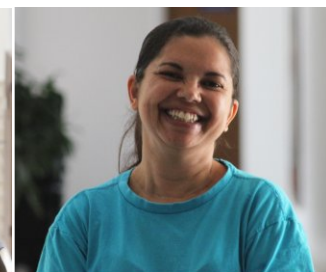
FABÍOLA



FABIUCE



FELIPE



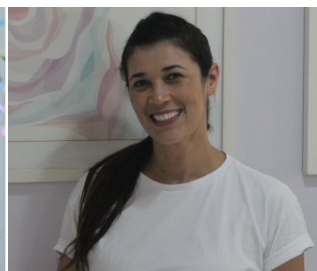
FLAVINHA



GI



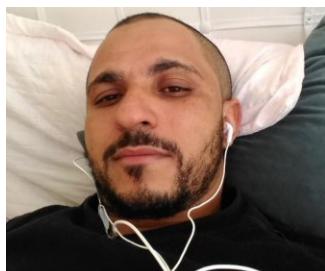
GILEUSA



GRAÇA



HÉLIO



HÉRCULES



INGRID



JAIME



JAQUE



JENIFER



JÉSSICA CRISTINA



JÉSSICA DIAS



JHULLY



JÔ



JONAS



JOSÉ



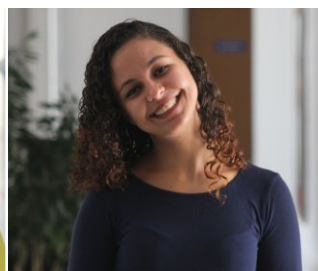
KARLA



KELLY



LAÍS



LIGIANE



MÁRCIA



MÁRCIO



MARIA



MARIETA



MARLI



MERI



MICHELE



MIRIAN



NANDO



NARA



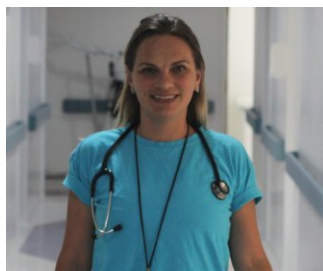
NATÁLIA



NATE



PATRÍCIA



PATY



PAULÃO



PEDRO



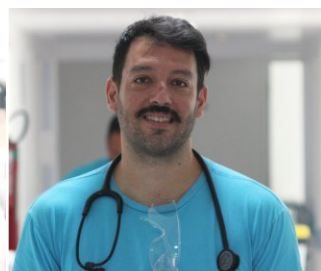
PEPEU



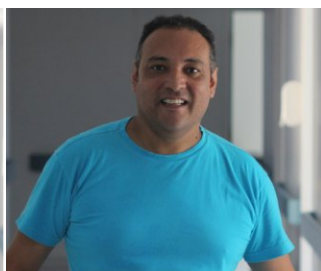
QUINHA



RENATA



RICARDO GODOY



RICARDO RAMIRO



ROBSON



ROSALVO



ROSI



RUAM



SAFIA



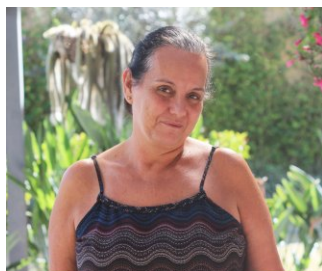
SAMIR



SANDRA



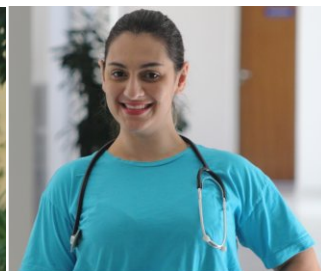
SIMONE



SONIA



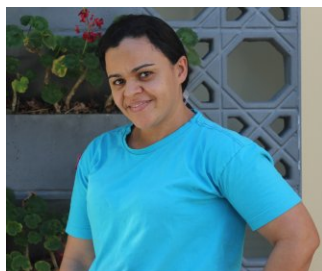
SUSANA



TACI



TALITA



VALDINHA



VAL



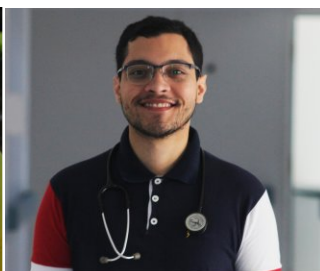
VANDA



VANESSA



VINI



WELLISSOM

Imagens: Afonso Xavier, Fábio Martiniano,
Ruam Oliveira e Vinicius França / Acervo
Quarentena Solidária - Hospital Premier /
Instituto Premier, 2020.







Fazemos parte da Comissão Executiva do movimento social Frente PaliATIVISTAS: Cuidados Paliativos pelo Brasil.

Por meio do controle social, direito garantido pela constituição brasileira, paliATIVISTAS de todo o país participaram, em 2023, de forma coordenada, das conferências de saúde nos âmbitos municipais, estadual e nacional, em defesa da diretriz: implementar a Política Nacional de Cuidados Paliativos, com garantia de financiamento, como componente de cuidado da Atenção Primária à Saúde, através da Estratégia de Saúde da Família.

A diretriz foi aprovada por aclamação. Em 7 de maio de 2024 o Ministério da Saúde do Brasil publica, então, a Política Nacional de Cuidados Paliativos no Sistema Único de Saúde, hoje em fase de implementação.

Saiba mais em **linktr.ee/FrentePaliATIVISTAS** ou acompanhe nossos passos no Instagram através do **perfil @frentepaliativistas**



Oficializado em 2018, o **Instituto Premier de Educação e Cultura** concentra ações sociais e projetos promovidos desde a fundação do Hospital Premier nos campos do ensino, da pesquisa e da cultura. Sob sua gestão estão projetos permanentes como o *Bairro Amigo do Idoso*, o *Prêmio Averroes – Pioneiro e Compartilhador*, as edições do *Encontro Brasileiro de Serviços de Cuidados Paliativos* e do *Encontro de Ligas Acadêmicas de Cuidados Paliativos*, o curso *Viver a Música*, o *Curso de Férias em Cuidados Paliativos* e a revista *Prata da Casa – escritas do cotidiano de uma equipe que cuida*.

É o responsável, no Brasil, por oferecer os recursos educacionais e dar suporte durante a realização da fase de implementação do programa QELCA® (Quality End of Life Care for All). Originado e validado pelo St. Christopher's Hospice – berço mundial dos Cuidados Paliativos, o programa busca empoderar equipes de profissionais de qualquer área ou disciplina clínica para liderarem a prestação de cuidados de alta qualidade aos pacientes no fim da vida e às suas famílias.



Rua Roque Petrella, 799, Vila Cordeiro
04581-051, São Paulo, SP - Brasil
contato@institutopremier.org.br
[@institutopremier_](https://www.instagram.com/institutopremier_)
www.institutopremier.org.br